



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES (CCTA)
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS**

LUCAS ALVES DOS SANTOS

COSMOLOGIA DE EXPOSIÇÕES: UMA ESCRITA-ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE PROJETOS INDIVIDUAIS

**JOÃO PESSOA
2024**

LUCAS ALVES DOS SANTOS

COSMOLOGIA DE EXPOSIÇÕES: UMA ESCRITA-ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE PROJETOS INDIVIDUAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.
Orientador: Prof. Dr. Robson Xavier da Costa.

JOÃO PESSOA
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237c Santos, Lucas Alves Dos.

Cosmologia de Exposições: uma escrita-análise da
produção de projetos individuais / Lucas Alves Dos
Santos. - João Pessoa, 2024.

66 f. : il.

Orientação: Robson Xavier da Costa.

TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Artes Visuais - TCC. 2. Exposições - Histórias.
3. Exposições de Arte. 4. Escritos de Artista. I.
Costa, Robson Xavier da. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 7.01(043.2)

LUCAS ALVES DOS SANTOS

COSMOLOGIA DE EXPOSIÇÕES: UMA ESCRITA-ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE PROJETOS INDIVIDUAIS

Aprovado em 10/05/2024

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ROBSON XAVIER DA COSTA**
Data: 10/05/2024 15:44:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. ROBSON XAVIER DA COSTA
(DAV/UFPB) Orientador

Documento assinado digitalmente
 **CAROLINA FERREIRA DA FONSECA**
Data: 11/05/2024 09:26:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. CAROLINA FERREIRA DA FONSECA
(Examinadora interna - DAV/UFPB)

Documento assinado digitalmente
 **CRISTIANE PERES DIAS**
Data: 11/05/2024 13:29:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Ma. CRISTIANE PERES DIAS
(Examinadora externa à Instituição)

João Pessoa

2024

Dedico este trabalho à Maria Aparecida Alves.

AGRADECIMENTOS

Com afeto,

Agradeço ao professor Robson Xavier pelas orientações de iniciação científica e conclusão de curso, assim como por todo o incentivo na minha atuação como artista-pesquisador.

Agradeço a querida Carmen Maia, minha professora de história da arte, por enxergar e impulsionar as potencialidades do meu trabalho como profissional das artes visuais.

Agradeço aos professores do Departamento de Artes Visuais, em especial, Rosilda Sá, Sicília Calado, Marta Penner, Cacá Fonseca e Marcelo Coutinho, pelo compartilhamento do saber.

Agradeço aos queridos Kerolainy Kimberlin, Lucas Aleixo, Ana do Vale, Walter Arcela, Maria Duarte, Graça Capela, Vitória Formighieri e Mikaely Rocha pela companhia em minha trajetória de graduação.

Agradeço as amigas Camilla Moura, Maria Clara Cavalcanti, Shara Litelantes e Beatriz Leão pelo carinho.

Agradeço ao amigo Renato Sancharro por todo suporte e apoio na produção de minhas exposições, também pelas idas ao mar.

Agradeço aos meus amigos artistas Cris Peres, Everton David, Flaw Mendes e Li Vasc pelas trocas e colaborações nas ideias e nos projetos.

Agradeço a amiga Mariana Lira por construir comigo na amizade e no trabalho.

Agradeço a Ana Carolina Farias por me inspirar a sonhar.

Agradeço a Maria Aparecida, Kamila Kelly e Rafael Alves, minha família, por acompanhar os meus caminhos com amor.

RESUMO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), analisei as camadas de trabalho relacionadas à produção de minhas duas exposições individuais que iniciaram a minha trajetória profissional como artista. Por meio da perspectiva teórica das Histórias das Exposições (Cypriano & Oliveira, 2017; Zago, 2021), e do conceito de Artista-etc (Basbaum, 2013), estabeleci uma escrita de artista (Cotrim & Ferreira, 2006) que se constitui enquanto um amálgama entre uma espécie de diário do desenvolvimento de exposição, como em Fooquedeu (Ramos, 2016), e documentação histórica (Fundação Bienal de São Paulo, 2004). A partir do estudo de caso das minhas duas primeiras exposições individuais, que ocorreram simultaneamente e que foram desenvolvidas no ano de 2023 na cidade de João Pessoa (PB), foi possível contribuir para a história das exposições de artes visuais no estado da Paraíba, Brasil. O estudo envolveu, ainda, pesquisa qualitativa por meio de reflexões, registros fotográficos, relatos escritos e demais documentos gerados pelos dois eventos

Palavras-chave: artes visuais; histórias das exposições; exposições de arte; escritos de artista.

ABSTRACT

In this Final Paper for the Bachelor's Degree in Visual Arts at the Federal University of Paraíba (UFPB), I analyzed the layers of work related to the production of my two solo exhibitions that began my professional career as an artist. Through the theoretical perspective of Exhibition Histories (Cypriano & Oliveira, 2017; Zago, 2021), and the concept of Artist-etc (Basbaum, 2013), I established an artist's writing (Cotrim & Ferreira, 2006) that constitutes itself as an amalgam between a diary about exhibition's development, as in Fooquedeu (Ramos, 2016), and historical documentation (Fundação Bienal de São Paulo, 2004). From the case study of my first two solo exhibitions, which took place simultaneously and were developed in the year 2023 in the city of João Pessoa (PB), it was possible to contribute to the history of visual arts exhibitions in the state of Paraíba, Brazil. The study also involved qualitative research through reflections, photographs, written reports and other documents generated by the two events.

Keywords: visual arts; exhibition stories; art exhibitions; artist's writings.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Exposição Nebulosa Grafia, Galeria Sesc Cabo Branco. Fonte: Assessoria de Comunicação Sesc PB, 2023.....	13.
Imagem 2 – Exposição Água que brota molha este solo. Usina Cultural Energisa. Fonte: Lucas Alves, 2023.....	13.
Imagem 3 – Mapa Mental 1 Cosmologia de Exposições, formatação gráfica por Ana Carolina Farias. Fonte: Lucas Alves, 2024.....	15.
Imagem 4 – Desenho-pensamento para Nebulosa Grafia [...], 2021. Fonte: Lucas Alves, 2023.....	26.
Imagem 5 – Como grifar numa página, impressão fotográfica e sanguínea sobre papel, 21x29,7 cm, 2021. Fonte: Lucas Alves, 2024.....	27.
Imagem 6 – Como grifar numa página, impressão fotográfica e sanguínea sobre papel, 21x29,7 cm, 2021. Fonte: Lucas Alves, 2024.....	27.
Imagem 7 – Processo de continuidade da produção da obra Diário de Nuvens [...], 2021. Fonte: Lucas Alves, 2023.....	28.
Imagem 8 – Pa’ra A’iba (Extensão) [...], 2023. Fonte: Assessoria de Comunicação do Sesc PB, 2023.....	29.
Imagem 9 – Ficha de Estudo/Pesquisa 2021-2022 para o Projeto Nuvêns. Fonte: Lucas Alves, 2024.....	30.
Imagem 10 – Diário de Nuvens, texto datilografado e carimbos sobre papel, 21x29,7 cm [...], 2023. Fonte: Lucas Alves, 2023.....	32.
Imagem 11 – Diário de Nuvens, texto datilografado e carimbos sobre papel, 21x29,7 cm [...], 2023. Fonte: Lucas Alves, 2023.....	32.
Imagem 12 – Diário de Nuvens, texto datilografado e carimbos sobre papel, 21x29,7 cm [...], 2023. Fonte: Lucas Alves, 2023.....	33.
Imagem 13 – Diário de Nuvens, texto datilografado e carimbos sobre papel, 21x29,7 cm [...], 2023. Fonte: Lucas Alves, 2023.....	33.
Imagem 14 – Abertura da exposição Nebulosa Grafia. Fonte: Assessoria de Comunicação do Sesc PB, 2023.....	35.
Imagem 15 – Abertura da exposição Nebulosa Grafia. Fonte: Assessoria de Comunicação do Sesc PB, 2023.....	35.
Imagem 16 – Oficina de Desenho Além-mar com Mariana Lira. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	37.
Imagem 17 – Oficina de Desenho Além-mar com Mariana Lira. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	37.
Imagem 18 – Oficina de Desenho Além-mar com Mariana Lira. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	39.

Imagem 19 – Oficina de Desenho Além-mar com Mariana Lira. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	39.
Imagem 20 – Imagem de divulgação da exposição Nebulosa Grafia. Fonte: Sesc PB, 2023.....	42.
Imagem 21 – Imagem de divulgação da exposição Água que brota molha este solo. Fonte: 2OU4, 2023.....	42.
Imagem 22 – Transeunte Horizonte (versão Arapuca) [...], 2023. Fonte: Lucas Alves, 2023.....	43.
Imagem 23 – Detalhe da obra Monumento Breve, 2023. Fonte: Lucas Alves, 2023.....	44.
Imagem 24 – Exposição Água que brota molha este solo, Usina Cultural Energisa. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	45.
Imagem 25 – Terreiroquintal, grafite sobre papel, 14,8x21 cm (cada), 50 partes, 2021. Fonte: Lucas Alves, 2024.....	47.
Imagem 26 – Terreiroquintal, grafite sobre papel, 14,8x21 cm (cada), 50 partes, 2021. Fonte: Lucas Alves, 2024.....	47.
Imagem 27 – Terreiroquintal, grafite sobre papel, 14,8x21 cm (cada), 50 partes, 2021. Fonte: Lucas Alves, 2024.....	48.
Imagem 28 – Terreiroquintal, grafite sobre papel, 14,8x21 cm (cada), 50 partes, 2021. Fonte: Lucas Alves, 2024.....	48.
Imagem 29 – Frente e verso de folder da exposição Água que brota molha este solo [...]. Fonte: 2OU4, 2023.....	50.
Imagem 30 – Frente e verso de folder da exposição Água que brota molha este solo [...]. Fonte: 2OU4, 2023.....	50.
Imagem 31 – Montagem da Exposição Água que brota molha este solo na Usina Cultural Energisa. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	52.
Imagem 32 – Montagem da Exposição Água que brota molha este solo na Usina Cultural Energisa. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	52.
Imagem 33 – Exposição Água que brota molha este solo, Usina Cultural Energisa. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	53.
Imagem 34 – Exposição Água que brota molha este solo, Usina Cultural Energisa. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	53.
Imagem 35 – Exposição Água que brota molha este solo, Usina Cultural Energisa. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	53.
Imagem 36 – Exposição Água que brota molha este solo, Usina Cultural Energisa. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	53.
Imagem 37 – Visita mediada pelo artista com turma da graduação em Artes Visuais da UFPB. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	54.
Imagem 38 – Visita mediada pelo artista com turma da graduação em Artes Visuais da UFPB. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	55.

Imagem 39 – Visita mediada pelo artista com turma da graduação em Artes Visuais da UFPB. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	55.
Imagem 40 – Visita mediada pelo artista com turma da graduação em Artes Visuais da UFPB. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	55.
Imagem 41 – Visita mediada pelo artista com turma da graduação em Artes Visuais da UFPB. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	55.
Imagem 42 – Casa Pequeno Davi na exposição Água que brota molha este solo [...]. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	57.
Imagem 43 – Casa Pequeno Davi na exposição Água que brota molha este solo [...]. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	57.
Imagem 44 – Casa Pequeno Davi na exposição Água que brota molha este solo [...]. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	57.
Imagem 45 – Casa Pequeno Davi na exposição Água que brota molha este solo [...]. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	57.
Imagem 46 – Casa Pequeno Davi na exposição Água que brota molha este solo [...]. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	58.
Imagem 47 – Casa Pequeno Davi na exposição Água que brota molha este solo [...]. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	58.
Imagem 48 – Casa Pequeno Davi na exposição Água que brota molha este solo [...]. Fonte: Cesar Matos,2023.....	58.
Imagem 49 – Casa Pequeno Davi na exposição Água que brota molha este solo [...]. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	58.
Imagem 50 – Casa Pequeno Davi na exposição Água que brota molha este solo [...]. Fonte: Cesar Matos, 2023	59.
Imagem 51 – Casa Pequeno Davi na exposição Água que brota molha este solo [...]. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	59.
Imagem 52 – Casa Pequeno Davi na exposição Água que brota molha este solo [...]. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	59.
Imagem 53 – Casa Pequeno Davi na exposição Água que brota molha este solo [...]. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	59.
Imagem 54 – Itens de preparo. Performance Tabatinga para o Agora, 2023. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	60.
Imagem 55 – Performance Tabatinga para o Agora, 2023. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	61.
Imagem 56 – Performance Tabatinga para o Agora, 2023. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	61.
Imagem 57 – Performance Tabatinga para o Agora, 2023. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	61.
Imagem 58 – Performance Tabatinga para o Agora, 2023. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	62.

Imagem 59 – Performance Tabatinga para o Agora, 2023. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	62.
Imagem 60 – Performance Tabatinga para o Agora, 2023. Fonte: Cesar Matos, 2023.....	62.
Imagem 61 – Mapa Mental 2 Cosmologia de Exposições, formatação gráfica por Ana Carolina Farias. Fonte: Lucas Alves, 2024.....	64.

SUMÁRIO

1 ABERTURA	10	4.4. Expografia e Montagem	51
2 O Trabalho do Pensamento: <i>mergulhão</i>	16	4.5. Ações Educativas	54
2.1. Histórias das Exposições	16	4.6. Performance	60
2.2. Editais	19	5 ENCERRAMENTO	63
2.3. Artista-etc	21	REFERÊNCIAS	65
2.4. Escrita de Artista	22		
3 Nebulosa Grafia: <i>escrita de nuvens</i>	26		
3.1. Projeto	28		
3.2. Pesquisa	30		
3.3. Texto Curatorial	34		
3.4. Expografia e Montagem	35		
3.5. Ações Educativas	37		
3.6. Acessibilidade	40		
4 Água que brota molha este solo: <i>instauração de territórios</i>	43		
4.1. Projeto	44		
4.2. Pesquisa	45		
4.3. Texto Curatorial	49		

1 ABERTURA

No momento em que inicio essa escrita de artista, o faço com urgência de criação, tomado pelo desejo de instaurar um novo território poético para adentrá-lo. Nesse processo, que aqui se faz conduzido, também, pelo rigor científico acadêmico, lembro do que escreveu Basbaum:

“Não se trata de “ser artista todo o tempo” [...] mas considerar certa ordem de circunstâncias em meio ao desempenho de funções variadas, sem deixar de prestar atenção a determinado elenco de questões: certamente o artista guarda como tesouro sua proximidade com a obra, exibindo ostensivamente um perfil cúmplice às manobras da produção. Não há como eliminar a mistura com o trabalho que o singulariza, com o qual estabelece compromisso e a partir do qual aparece sintomaticamente contaminado, a arrastar ou buscar afinidades e ressonâncias deste contágio (Basbaum, 2013, p. 68-69).”

No Recife, cidade em que cresci, pude ter as primeiras experiências de contato com o campo da arte, o que aconteceu de forma muito variada ao longo de minha trajetória pessoal.

Entretanto, seu estudo só veio ser possível aos 21 anos de idade e de maneira autodidata. Através da internet, consumia conteúdos de museus e instituições culturais, em especial Sesc TV, MoMa, Tate, Nasher Sculpture Center, Canal Arte1 e Art21, que publicam videobiografias de artistas, visitas a ateliers e exposições, gravações de palestras e cursos etc. No centro da cidade, costumava visitar as exposições do MAMAM (Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães), Caixa Cultural e Torre Malakoff. Quando era possível, frequentava as sessões de desenho de observação com modelo vivo do Grupo Risco! no sexto andar do Edifício Pernambuco.

Ingressei no bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba em agosto de 2017, momento de minha mudança para a capital paraibana, até aquele momento só tinha estado na cidade uma única vez para fazer a matrícula. Sem dúvida, foi um início de muitos desafios e dificuldades de permanência. Por outro lado, cerca de um semestre depois, encontrei na extensão universitária a possibilidade para trabalho e estudo caminharem juntos. Foi na pequena Galeria Lavadeira, espaço de exposição do departamento de Artes Visuais, onde tive a oportunidade de colaborar enquanto aluno bolsista e exercer uma variedade de funções. Passei a montar e desmontar exposições, organizar a

programação, viabilizar a manutenção do espaço, estabelecer contatos com artistas interessados em expor na Lavandeira.

Experiências que, decerto, influenciaram diretamente na minha formação profissional, inclusive no modo de enxergar o processo de profissionalização nas artes visuais. Pois, na Lavandeira, pude enxergar com mais clareza a divisão de funções e demandas relativas à produção de uma exposição, além das diferenças na valoração e reconhecimento de determinadas profissões.

É nesse sentido que se mantém em meu interesse a análise das esferas do trabalho, algo que se manifesta com maior ênfase no momento em que passei a pensar a minha atuação profissional como artista e elaborar projetos para editais. O que aconteceu, de certa forma, pouco tempo depois de iniciar a graduação, pois nos primeiros meses de 2018 já participava de seleções de exposição, tendo o extinto Salão de Artes Visuais do Sesc Paraíba como a primeira mostra coletiva em que meu trabalho foi incluído, a obra *sem título* (2017) que se trata de uma série de objetos que transitam entre a escultura e o desenho. Tal trabalho exposto inaugurou, também, uma pesquisa em poéticas visuais acerca das interrelações de linguagens, e que veio a se expressar

academicamente no artigo *Esculturas-desenho: reflexões entre linguagens*¹.

A sensação em expor no salão foi a de adentrar o circuito paraibano de arte contemporânea e estabelecer diálogos com outros artistas que aqui já trabalhavam. Logo, se inseriu nesse cenário, as tentativas de continuação e *dribles* próprios à sobrevivência do fazer artístico.

Sabemos que a realidade do artista de arte contemporânea se caracteriza por uma postura bastante crítica, uma vez que, a todo tempo, o artista se mantém lidando com os atravessamentos de seu trabalho criativo em relação às demandas de profissão. Tal postura, aos modos acadêmicos, me direciona a pesquisar o que circunda a produção de exposições, compreendendo-as enquanto um momento decisivo no encontro entre obra e público (Lafuente, 2017, p. 15).

No primeiro capítulo, desenvolvi uma abordagem teórica a partir do campo das Histórias das Exposições (Cypriano & Oliveira, 2017; Zago, 2021), de modo a localizar as minhas duas experiências de

¹ SANTOS, Lucas Alves dos. Esculturas-desenho: reflexões entre linguagens. In: Arte e Transmídiações - Anais do 3º CIAMI; III Encontro Regional da ANPAP Nordeste e 8ª Bienal Internacional de Arte Postal. Anais. João Pessoa (PB), 2020.

produção de exposição, ambas individuais, dentro da perspectiva historiográfica em Artes Visuais. O caráter multiprofissional, crítico e analítico do trabalho de artista me levou a estabelecer diálogos com a fórmula artista-etc (Basbaum, 2013) e analisar a minha relação com os editais que fomentam o circuito de arte contemporânea da Paraíba. Ao tratar da elaboração deste estudo enquanto uma escrita de artista, apresento diálogos referenciais com tal ideia (Cotrim & Ferreira, 2006), delineando sua forma influenciada por publicações como Fooquedeu (Ramos, 2016) e Território Livre: Registro de Montagem (Fundação Bienal de São Paulo, 2004). Por fim, estabeleço conexões entre pesquisa científica acadêmica e produção poética, visando a elaboração deste trabalho de conclusão enquanto obra de arte.

No segundo capítulo, a escrita se lança para a experiência de produção da exposição *Nebulosa Grafia* na Galeria do Sesc Cabo Branco (João Pessoa, PB), que aconteceu entre 13 de abril e 11 de maio de 2023, e foi selecionada via edital de ocupação ExpoSesc. A exposição está vinculada à uma pesquisa artística desenvolvida por mim acerca das nuvens e suas relações científicas. Analisando as camadas da exposição por meio do relato textual e documentação fotográfica, cuja abordagem foi dividida em: projeto, pesquisa, texto

curatorial, expografia e montagem, ações educativas e acessibilidade.

No terceiro capítulo a estrutura se mantém similar e, também, conta com relato textual e documentação fotográfica com o objetivo de analisar o segundo projeto, a exposição *Água que brota molha este solo*, selecionada, em 2022, via edital de ocupação da galeria de arte da Usina Cultural Energisa 2022-2023 (João Pessoa, PB). Tal individual aconteceu no período entre 28 de abril a 28 de maio de 2023² e apresentou a reunião de conjuntos de trabalhos, cujas ideias giravam em torno da criação de novos territórios em relação aos vínculos afetivos entre pessoa e lugar.

As exposições abordadas foram consideradas a partir de dois planos: o primeiro enquanto processo inicial da trajetória de profissionalização de um artista na atualidade, no estado da Paraíba, ou seja, tendo a exposição como entrada no circuito de arte; o segundo, enquanto processo de aprofundamento teórico do que emerge do evento, no sentido de uma continuidade da exposição através de seu estudo. O trabalho foi estruturado conforme Mapa Mental 1 (Imagem 3).

² A exposição estava prevista para encerrar no dia 27 de maio de 2023, porém foi prorrogada em um dia, a pedido do Instituto Energisa, com o objetivo de contemplar a programação de outro evento da instituição.

Para tanto, por meio dos métodos de pesquisa bibliográfica e pesquisa qualitativa com estudo de caso, analisando os meus projetos de exposições individuais, o exercício profissional de artista e suas relações com os processos seletivos, além da elaboração da documentação sobre os eventos através de fotografias e relatos escritos, o presente trabalho de conclusão de curso constitui enquanto objetivo geral: desenvolver pesquisa sobre os meus projetos e produção de exposições individuais, realizadas em 2023, na cidade de João Pessoa, de modo a contribuir para a história das exposições de artes visuais na Paraíba, Brasil. Além dos objetivos específicos: 1. Estudar a luz das Histórias das Exposições, dos conceitos Artista-etc e Escritos de Artistas, e das experiências de participação de editais, a minha atuação enquanto profissional artista; 2. Analisar as camadas de produção e pesquisa das minhas exposições individuais de artes visuais. 3. Elaborar escrita acerca das exposições individuais *Nebulosa Grafia* e *Água que brota molha este solo*.

Imagem 1. Exposição *Nebulosa Grafia*, Galeria Sesc Cabo Branco



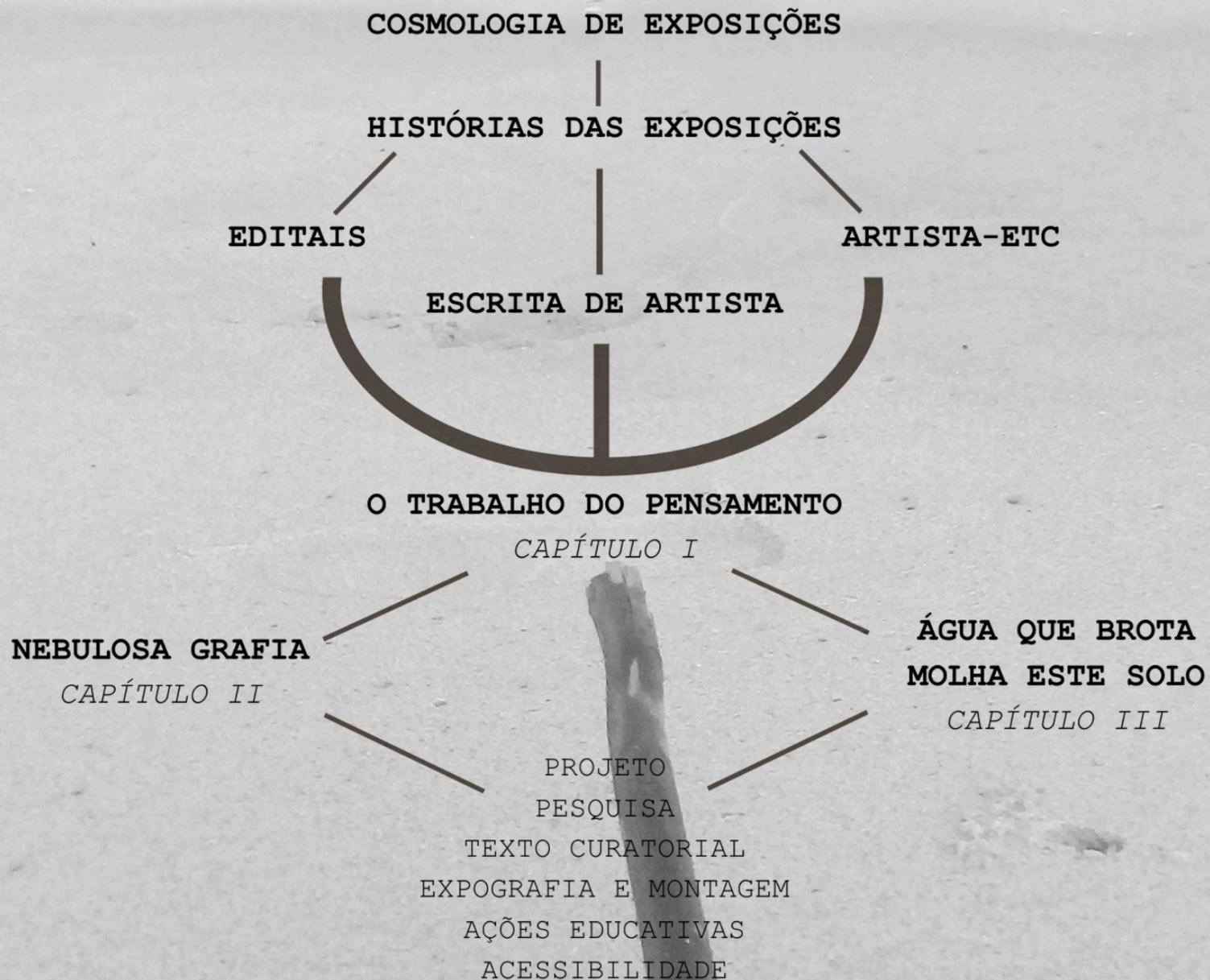
Fonte: Assessoria de Comunicação Sesc PB, 2023.

Imagem 2. Exposição *Água que brota molha este solo*, Usina Cultural Energisa



Fonte: Lucas Alves, 2023.

Próxima página: **Imagem 3.** Mapa mental 1 Cosmologia de Exposições, formatação gráfica por Ana Carolina Farias. Fonte: Lucas Alves, 2024.



2 O Trabalho do Pensamento: *mergulhão*

2.1. Histórias das Exposições

No Recife, tive a oportunidade de visitar uma exposição de Joan Miró, na Caixa, na qual, em visita, o educativo me convidou a pintar em aquarela. Ao final, me orientou que deixasse a pintura ali, num varal coletivo. O fato é que acabei retornando várias vezes na exposição tanto para rever as obras de Miró, mas, também, a minha. Compreendo essa lembrança enquanto significativa, pois a considero a primeira vez que meu trabalho foi exposto, posto a ser visto publicamente.

Foi na Paraíba onde pude vivenciar as maneiras de me profissionalizar enquanto artista, o que se desdobra na universidade ao pensar a graduação como uma etapa base para o tornar-se profissional. Na capital paraibana tive oportunidades de inserção no circuito de arte contemporânea ao submeter o meu trabalho em processos seletivos de exposições. Nesse processo me surgiram vários questionamentos acerca da área, para os quais me mantive buscando respostas. Nessa direção, para o estudo aqui desenvolvido, gostaria de situar algumas perguntas norteadoras, nas quais estão implícitas a atual realidade das artes visuais no estado da Paraíba: 1. O que caracteriza, hoje, um artista enquanto

profissional? 2. Como se viabiliza a produção poética no circuito de arte contemporânea? 3. Quais os relacionamentos do artista com o mercado de arte? 4. Quais meios o artista utiliza para fazer circular seu trabalho e sua pesquisa artística? 5. Um profissional artista é possível?

Por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), entre 2022 e 2023, tive a oportunidade de colaborar, enquanto aluno bolsista Pibic, com o projeto de pesquisa Fora do Eixo: Análise da História das Exposições de Artes Visuais no Nordeste Brasileiro (2020-2023) (PIBIC-CNPQ-UFPB), coordenado pelo Prof. Dr. Robson Xavier, e estudar as exposições realizadas, no período de pandemia e pós-pandemia, nos nove estados nordestinos. Através dessa experiência, estabeleci contatos mais estreitos com o campo teórico das Histórias das Exposições, o qual identifiquei enquanto basilar para esse trabalho de conclusão de curso.

Em âmbito teórico, o estudo das Histórias das Exposições se inicia com uma série de publicações da Revista *Afterall* (*University of the Arts London*), através da qual se lançava reflexões acerca de exposições. Essa série de publicações, intitulada *Exhibition Histories*, contou com colaborações, significativas no contexto

brasileiro, do curador Pablo Lafuente, enquanto editor da *Afterall* e *Afterall Books*, entre 2005 e 2013. Segundo Fabio Cypriano e Mirtes Marins, responsáveis por aprofundar o estudo acerca das Histórias das Exposições no Brasil:

Com a série de publicações "Exhibition Histories" (Histórias da Exposição), a editora inglesa Afterall criou uma metodologia para um novo campo de pesquisa dentro da história da arte.

[...] Nos últimos dez anos, o curador espanhol Pablo [Lafuente] foi um dos responsáveis pela série e teve como último trabalho na Afterall a edição do volume dedicado a uma exposição brasileira: *Cultural Anthropophagy: The 24th Bienal de São Paulo 1999*, lançado em 2015. (Cypriano; Oliveira, 2017, p. 13).

Para Pablo Lafuente, os catálogos, no geral, abordam o projeto, porém deixam de lado os resultados, assim sendo, nos indica que é pelo estudo das Histórias das Exposições onde se é capaz de aprofundar discussões e perspectivas acerca da realização e acontecimento de uma exposição por meio de uma gama de materiais e recepções, inclusive incorporando as experiências de envolvimento das pessoas (público e especialistas) com o evento. (Lafuente, 2017, p. 16).

É certo que o aprofundamento teórico acerca de uma exposição, ou ainda de um determinado modo de realização de exposições, ganha espaço no campo da pesquisa, recebe esforços na esfera acadêmica. Segundo Del Castillo,

Do interior da cultura moderna a partir do século XIX, verifica-se uma reciprocidade entre as transformações artísticas e as mudanças expositivas. Assim, igualmente às grandes coleções, ou melhor, à formação de importantes acervos, as exposições tornam-se fonte de estudos históricos da arte (Del Castillo, 2014, p. 19).

Dessa forma, o estudo de um evento como uma exposição estabelece ferramentas e possibilidades para a historiografia, pois é capaz de reordenar ou reorganizar as maneiras de elaboração de escrita da própria história. De acordo com Renata Zago,

As exposições de arte possibilitam compreender singularidades de períodos artísticos, sociais, políticos e econômicos, quando relacionados a um determinado sistema da arte. Entende-se, portanto, a exposição como um importante evento no campo das artes visuais que pode ser utilizado para pensar uma outra via para a escrita da história da arte. (Zago, 2021, p. 8).

É nesse sentido que as exposições podem ser direcionadas ao estabelecimento de determinadas narrativas, influenciando nos rumos do mercado, na manutenção da memória, no que permanecerá registrado na história da arte (Xavier, 2020, p. 917).

De caráter múltiplo, o universo teórico das histórias das exposições se institui na diversidade de perspectivas. Para Sonia Salcedo Del Castillo, uma exposição é capaz de se desenvolver enquanto reinvenção poética (Del Castillo, 2014, p. 66), desse modo, tal ideia insere, portanto, a exposição na ordem da criação, de um fazer inaugural, ou melhor, da *poiesis*. Com enfoque na curadoria, a pesquisadora encontra a possibilidade de afirmação de uma exposição como obra de arte e, para tanto, Del Castillo apresenta um neologismo: a *expoesis*.

A *expoesis* é justamente essa tentativa de, juntando partes sem obscurecê-las, conseguir fazer uma escrita, no meu entender intervalar, que é da ordem da poesia, justamente porque lida com esse espaço liminar entre real e imaginário. (Del Castillo, 2021, s/p, online).

Essa escrita intervalar que se desenvolve num espaço que é ao mesmo tempo real e imaginário, assim sendo, constitui uma maneira de fazer exposição que se elabora enquanto obra. Dessa

maneira, tal modo de produzir estaria relacionado, conforme propõe Del Castillo (2021, online), na seguinte equação: Execução (poética artística) + Ativação (poética curatorial) + Instauração (poética expositiva) = Função Estética + Mundo (arte).

Em contrapartida, é interessante termos em mente que tal proposição estabelece um modo de produção de exposições, isto é, trata-se de uma maneira dentre várias outras possíveis. Pois, nos estudos de caso presentes nesse trabalho, não considerei as exposições individuais, do modo que as realizei, enquanto obra de arte. Ainda que tenha exercido um fazer rigoroso em cada camada relacionada às exposições, compreendo que não havia, no processo de desenvolvimento desses eventos, o gesto de tratar a exposição enquanto obra. Dado significativo, para mim, pois intenção e sinceridade são dimensões éticas que estão na base dos percursos de criação de um trabalho de arte. Portanto, ainda que não compreenda tais exposições enquanto obra, por outro lado, empreendo um gesto poético no desenvolvimento deste estudo.

Hoje, na capital da Paraíba, as exposições de arte são, ainda, caminhos que se abrem para o artista iniciar sua trajetória profissional. Entretanto, essa abertura, por vezes, passa a implicar

em dificuldades de permanência, pois, logo que o artista adentra o circuito de arte, este tem se determinado por certa velocidade e curta duração. Isso porque há uma quantidade determinante de instituições na cidade que mantém a promoção de processos seletivos de exposição, assim, uma vez que o artista circulou por todas elas, encontra os limites profissionais do circuito.

É pertinente enfatizar que, ainda que haja uma expressiva produção de arte contemporânea mantida por artistas em diálogo e inseridos no circuito nacional, o mercado de arte no estado da Paraíba é praticamente inexistente. Até o final de 2023, havia apenas duas galerias de arte comerciais: a Galeria Gamela, em atuação desde 1980, envolvendo grande quantidade de artistas, e Galeria Dalmar Trigueiro, inaugurada em 2021, se manteve com seis artistas em seu *casting*. Durante a realização desse estudo, no início de 2024, o último espaço encerrou suas atividades, retomando a realidade em que a Gamela se mantém a única galeria privada, que comercializa obras de arte, em funcionamento.

Isto é, com pouca ou nenhuma possibilidade de representação comercial no mercado de arte, o artista se mantém numa busca vasta por captação de recursos para produzir obras, exposições e continuar a pesquisa, frequentemente tendo que encontrar meios

fora do campo das artes visuais ou criar novas possibilidades de trabalho. Realidade que dificulta e desafia o exercício da profissão de artista.

2.2. Editais

Caracterizados por linguagem burocrática e jurídica, os editais fazem parte do cotidiano de trabalho dos artistas visuais na contemporaneidade. Esses processos seletivos de exposições individuais e coletivas, salões, bienais, prêmios, residências artísticas, dentre outros, comumente, determinam as etapas e atividades que os artistas exercem no âmbito da profissão, ou seja, indicam os caminhos a seguir, além do reconhecimento da trajetória de trabalho (Marcondes, 2016, p. 183-184).

Em perspectiva ampla, há, atualmente, em João Pessoa, quatro instituições culturais que promovem tais processos seletivos, são elas: 1. Fundação Espaço Cultural (FUNESC); 2. Sesc PB; 3. Instituto Energisa; 4. Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOPE).

Considero relevante especificar que os editais são determinados por um valor orçamentário que delimita a quantidade de projetos

selecionados, assim como também restringe o que é possível ou não para cada exposição. No momento em que realizei as exposições *Nebulosa Grafia* e *Água que brota molha este solo*, a realidade dos dois editais, através dos quais os projetos foram selecionados, se apresentava conforme tabela 1.

Tabela 1. Editais SESC PB 0001/2023 e Ocupação Usina de Artes Visuais 001/2022.

INSTITUIÇÃO CULTURAL	EDITAL	VALORES POR PROJETO	QUANT. SELECIONADOS	ANO DE PUBLICAÇÃO	VIGÊNCIA
SESC PB	EXPOSESC	R\$3.500,00	8	2023	2023
INSTITUTO ENERGISA	Ocupação Galeria de Arte da Usina Cultural Energisa	R\$3.000,00	14	2022	2023-2024

Fonte: Lucas Alves, 2024.

Nessa dinâmica comparativa, podemos perceber que não há distanciamentos entre uma instituição e outra, o que implica dizer que as possibilidades para cada projeto de ocupação são bastante semelhantes.

No edital ExpoSesc (SESC PB, 2023, p. 4) foram selecionados 08 projetos, os quais foram divididos em três galerias: 02 para a Galeria Sesc Cabo Branco (João Pessoa), 03 para a Galeria Sesc Centro João Pessoa, e 03 para Galeria Sesc Centro Campina Grande. O valor destinado por projeto se refere ao cobrimento de todos os custos de produção de obras, contratação de suportes e serviços, transporte, montagem e desmontagem, assim como da integração (aquisição) de uma obra ao acervo da instituição. A frequência do edital ExpoSesc se estabelece numa programação anual de exposições, lançando, assim, um processo seletivo no início de cada ano.

O edital de ocupação da galeria de arte da Usina Cultural Energisa (ENERGISA PB, 2022, s/p) selecionou 14 projetos de exposições, em 2022, (em sua maioria individuais, porém abrangeu coletivas) que constituíram a programação de artes visuais do Instituto Energisa nos anos 2023 e 2024. Nesse edital há o fornecimento de um valor por projeto enquanto pró-labore, e estabelece outros valores orçamentários para montagem, desmontagem, além de 1 evento de visita com o artista e 1 ação educativa, pontual, com escolas. Na Energisa (PB), embora a seleção dos projetos tenha ocorrido em agosto de 2022, as exposições começaram a ser

realizadas no início de 2023 e se estendem por boa parte do ano de 2024.

2.3. Artista-etc

Inserido no contexto de quase inexistência do mercado de arte em conjunto com a atuação profissional por meio de editais de exposições, o artista se vê colocado a exercer certa multiplicidade de funções. Tal característica multidisciplinar acaba por demandar ao artista a compreensão de novas identidades profissionais, como artista-produtor, artista-montador, artista-curador, artista-crítico, artista-mediador, etc. Artista-etc.

Quando o artista brasileiro Ricardo Basbaum idealizou o termo Artista-etc, ele tinha em mente que essa união de funções se apresenta de forma inerente à atividade do artista inserido no circuito de arte contemporânea. Isto é, para Basbaum,

Essa fórmula do artista-etc, ela surge tentando afirmar que é próprio do artista contemporâneo esse deslocamento pelos campos da curadoria, da crítica, da gestão. E que ser artista contemporâneo é inseparável, vamos dizer assim, de um conhecimento desses campos, de uma certa expertise, de uma capacidade de deslocamento. (Basbaum, 2020, s/p, online).

Uma vez que o artista é cada vez mais visto como responsável pela gestão da sua própria pesquisa, do fazer e dos sentidos de seu trabalho, logo, ele passou a incorporar a análise da realidade do seu exercício. Desse modo, o trânsito entre esses campos é, de fato, imprescindível, uma vez que o artista elabora a obra, assim como também desenvolve a maneira como ela será exposta, como se dará o contexto em que a criação encontra o público (vice-versa), além de como será documentada. Portanto, para dar conta de todos esses setores, torna-se necessário que este profissional adentre campos variados e se mantenha atualizado profissionalmente. Ainda conforme Basbaum,

Neste tipo de trabalho, há em geral uma maior presença do aparelho institucional, pela obrigatoriedade das condições de produção e organização do evento, tornando inevitável um enfrentamento burocrático com questões organizacionais e financeiras: pode ser tentador afastar-se das especificidades de linguagem próprias deste setor, mas não há como eliminá-las, já que significam mesmo cuidar das dimensões de viabilidade da exposição em seus múltiplos compromissos e em seu jogo econômico. (Basbaum, 2013, p. 70).

Assim sendo, na realidade, o profissional artista planeja e executa tanto a sua obra quanto a exposição. A divisão de funções, pertinentes a qualquer produção cultural, se aplica de maneira bastante maleável no dia a dia da profissão, pois, seja por rigor técnico ou por escassez, uma área em que cada profissional se reserve ao desempenho de sua função, unicamente, parece ainda muito distante da realidade brasileira, sobretudo, no estado da Paraíba.

2.4. Escrita de Artista

Entre planejamentos e execuções, o artista produz pensamento, lança reflexões, especialmente, atravessados por suas práticas de trabalho. Na literatura, uma antologia de textos escritos por artistas, de grande relevância no Brasil, é a publicação “Escritos de Artistas: Anos 60/70”, organizada por Glória Ferreira e Cecília Cotrim (2006). O livro documentou, de forma integral, textos de artistas brasileiros, como Lygia Clark, Hélio Oiticica, Grupo Rex, Cildo Meireles, Anna Bella Geiger e Paulo Bruscky, assim como de não-brasileiros, como Joseph Beuys, Sol Lewitt, Allan Kaprow, Joseph Kosuth, e vários outros. De acordo com as organizadoras da publicação,

O lugar ou a situação em que o artista exercita sua prática, assim como o discurso sobre essa prática, torna-se elemento central das estratégias poéticas e do debate em torno delas. Os artistas explicitam a situação em que seus trabalhos são concebidos, na medida em que concepção e apresentação tendem a coincidir. A exposição, por exemplo, não mais sendo uma linguagem secundária veiculando um signo que a precede, coloca em questão a hierarquia, os limites e o estatuto dos signos. (Cotrim; Ferreira, 2006, p. 19).

A organização das ideias em torno da prática, seus alcances, tentativas e desafios, também passa a ser decisiva no cotidiano de trabalho do artista. Com a formação acadêmica cada vez mais presente nos currículos e trajetórias desses profissionais, a produção de conhecimento se localiza adjacente. Assim sendo, a fórmula artista-pesquisador parece se firmar com solidez na atualidade. Segundo Cotrim e Ferreira,

A reflexão teórica, em suas diversas formas, torna-se, a partir dos anos 60, um novo instrumento interdependente à gênese da obra, estabelecendo uma outra complexidade entre a produção artística, a crítica, a teoria e a história da arte. Diferentes dos manifestos, esses textos não mais visam estabelecer os princípios de um futuro utópico, mas focalizam os problemas

correntes da própria produção. (Cotrim; Ferreira, 2006, p. 10).

Na pesquisa, apresentada no livro, Glória Ferreira e Cecília Cotrim desenvolvem um panorama que nos fornece algumas entradas para a escrita de artista ao longo da história da arte. De modo geral, é característico desses escritos o trânsito entre experiência pessoal e questionamentos teóricos, cuja motivação está na necessidade de transformar problemas estéticos ou técnicos precisos para o próprio artista, para os pares profissionais ou, ainda, para o público (Cotrim; Ferreira, 2006, p. 11).

A dimensão da experiência é fundamental nesse tipo de escrita, pois ela parece transcender qualquer borda de linguagem e forma, do que foi vivido e do que é relatado. Nesse sentido, de acordo com Jorge Larrosa Bondía, há um elo intrínseco entre ser humano e palavra, uma vez que as palavras *"produzem sentidos, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação"* (Bondía, 2002, p. 19-20). Essa ligação está presente no âmbito do pensamento, pois nossas palavras (conjunto estabelecido por nosso conhecimento individual, nossa bagagem cultural) marcam o nosso modo de pensar. Como nos lembra o autor:

Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. (Bondía, 2002, p. 21.).

Por conseguinte, a minha experiência com a produção e estudo das exposições me move ao desejo de instauração de um elo, um vínculo, entre o exercício do trabalho de artista e o trabalho da pesquisa, de modo a elaborar a união do gesto poético com o gesto científico acadêmico neste trabalho de conclusão de curso.

Para Suely Rolnik, o trabalho do pensamento é o trabalho que se faz numa carreira acadêmica (Rolnik, 1993, p. 1). É comum que esse trabalho, a princípio intangível, precise receber um corpo físico (e, sabemos, há, no meio acadêmico, formatos e estruturas determinados para tal finalidade). Entretanto, de modo geral, podemos compreender esse corpo (do trabalho do pensamento) como a escrita. Na verdade, ao longo do processo desse tipo de trabalho ocorre uma demanda pela invenção de um corpo que o materialize, isto é, urgência de criação.

Rolnik escreve por meio das marcas, *"estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos*

vivendo”, assim, considero importante enfatizar que, para a autora, “*Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir*”. (Rolnik, 1993, p. 2).

Com enfoque nas exposições, considero um exemplar dessa ideia a obra literária “Fooquedeu (um diário)” do artista Nuno Ramos (1960, São Paulo, SP), editada em livro em 2022 (Editora Todavia). A escrita, inicialmente publicada na revista Piauí, *online* em 2016, sob o título “FOOQUEDEU - Fragmentos sobre a exposição O Direito à Preguiça, o lugar do artista e a crise do país” elabora uma série de reflexões e atravessamentos do artista em relação à conjuntura político-cultural do país.

Nesse diário de Nuno Ramos, considero referencial a experiência do artista imerso no cotidiano de montagem de sua exposição no Centro Cultural Banco do Brasil, em Belo Horizonte (MG), o que o impulsionou a escrever suas perspectivas acerca da mostra, do trabalho de artista, da realidade do país, estabelecendo, inclusive, diálogos com outros escritores e artistas.

Também enquanto forma referencial, um corpo resultado da experiência de montagem, a publicação Território Livre: Registro de montagem (Fundação Bienal de São Paulo, 2004), apresenta toda

a documentação do processo de montagem da 26ª Bienal de São Paulo por meio de fotografias, no qual a elaboração da escrita é apenas imagética.

A ideia de construção de um corpo que constitua em si próprio a composição do pensar é, a rigor, intrínseca ao trabalho do artista, e é, inclusive, o que marca a história da arte e o campo das artes visuais contemporâneas. É fato que o artista visual (antes artista plástico) não opera apenas nos limites da palavra, pois, ainda que a module, mergulha (ainda mais) em outras águas, reúne no seu universo de trabalho uma gama de meios e linguagens. Nesse sentido, é a partir da invenção de novos meios que o artista explora as maneiras potenciais para a fala, para a existência da expressão, para a corporificação do trabalho do pensamento.

O exercício da escrita através das marcas, tomado por estado inédito que se produziu em nosso corpo, num gesto artístico, está relacionado ao que o artista Marcelo Coutinho nomeia “Isso”, enquanto uma forma de “*manter juntos acometimento e relato*”, o que é evocado por linguagem-criação, em contraposição à linguagem-representação (Coutinho, 2011, p.18). Trata-se, portanto, de uma escrita que vai além da intenção de comunicar em

algum nível próximo do que foi vivido. Escrever por meio das marcas, segundo Suely Rolnik,

É um modo de exercer a escrita em que ela nos transporta para o invisível, e as palavras que se encontram através de seu exercício, tornam o mais palpável possível, a diferença que só existia na ordem do impalpável. Nesta aventura encarna-se um sujeito, sempre outro: escrever é traçar um devir. Escrever é esculpir com palavras a matéria-prima do tempo, onde não há separação entre a matéria-prima e a escultura, pois o tempo não existe senão esculpido em um corpo, que neste caso é o da escrita, e o que se escreve não existe senão como verdade do tempo. (ROLNIK, 1993, p. 9).

Em síntese, o artista também corporifica o trabalho do pensamento por meio da escrita, da publicação de livros e textos, mas não só, o faz através de objetos, ações, manifestações, métodos etc. Ao mesmo tempo, se mantém atravessando os limites da linguagem, pois compreende (ou sente) a necessidade (e urgência) de criar.

3 Nebulosa Grafia: *escrita de nuvens*

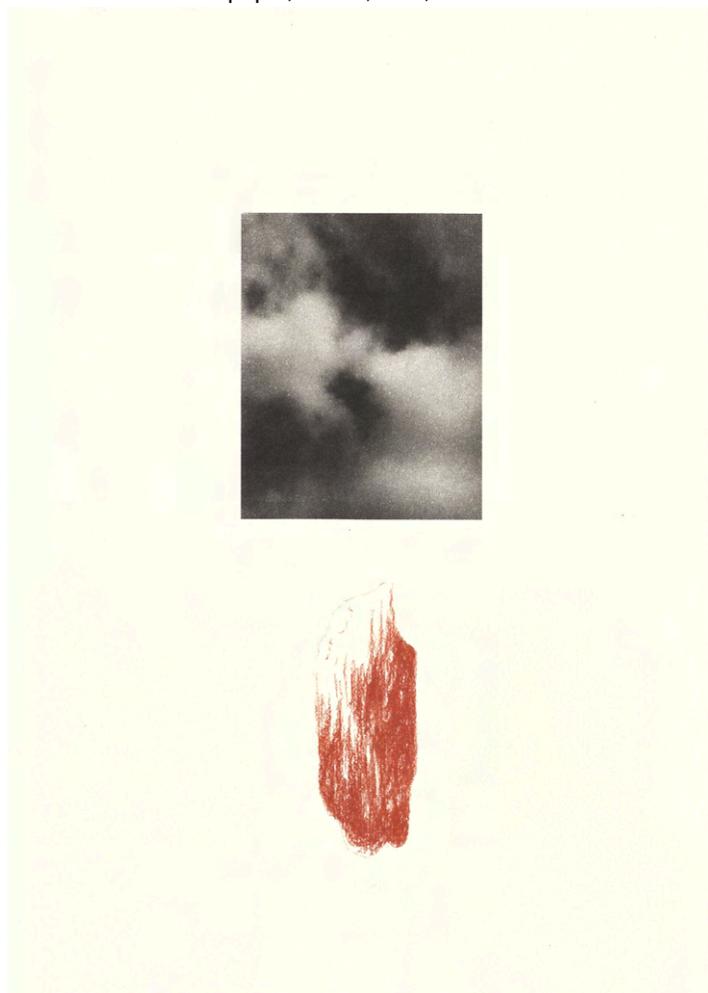
Estou no meio de um sítio, dentro da chamada, por alguns, zona rural da Parahyba. Em volta do meu corpo há muitas árvores e pés de fruta como jaca, mangaba, limão. Em minha frente, dezenas de árvores escondem a entrada do mangue, o mangue por trás das árvores altas, como um muro verde que balança à vontade do vento. Depois do mangue e seu trajeto, vem a areia da praia. Após a areia da praia, o mar. Sobre o mar, todas as nuvens, acima de tudo o que vejo. Trago ao pensamento a paisagem, esse cânone, essa fissura de artista, tão discutido assunto na história da arte. Imagino o que poderia constituir a paisagem desse estado que me acolheu, e, numa urgência de gesto mínimo, qual seria a forma que poderia sintetizá-la. Observo o céu do dia, começo a trabalhar a paisagem pela nuvem.

Imagem 4. Desenho-pensamento para Nebulosa Grafia, impressão fotográfica, nanquim e texto datilografado sobre papel, 21x29,7 cm, 2021.



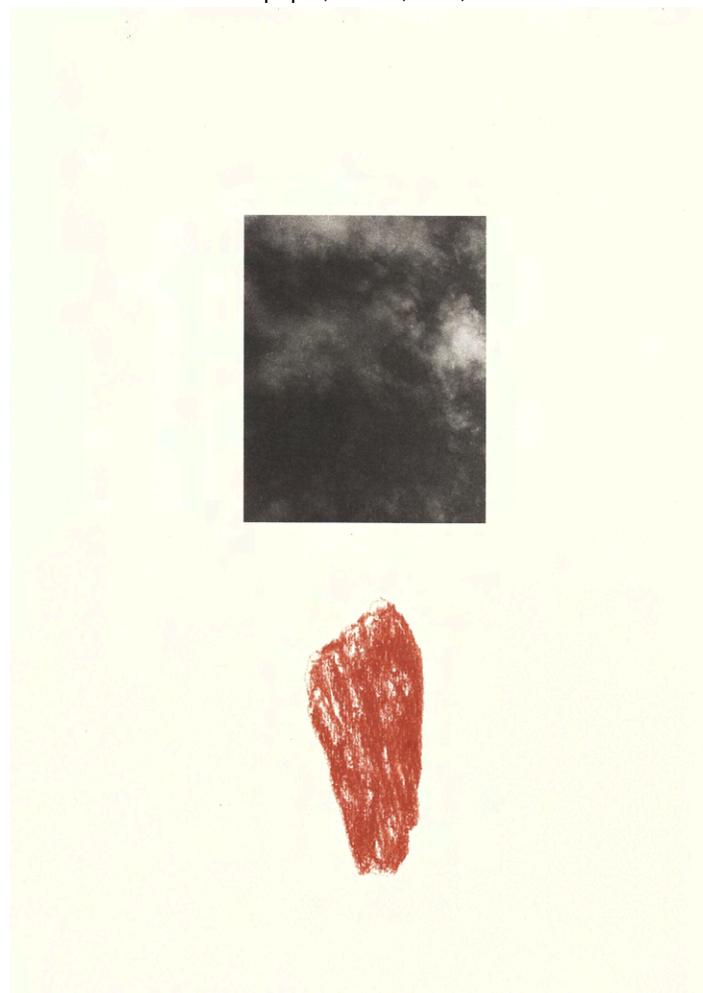
Fonte: Lucas Alves, 2023.

Imagem 5. Como grifar numa página, impressão fotográfica e sanguínea sobre papel, 21x29,7 cm, 2021.



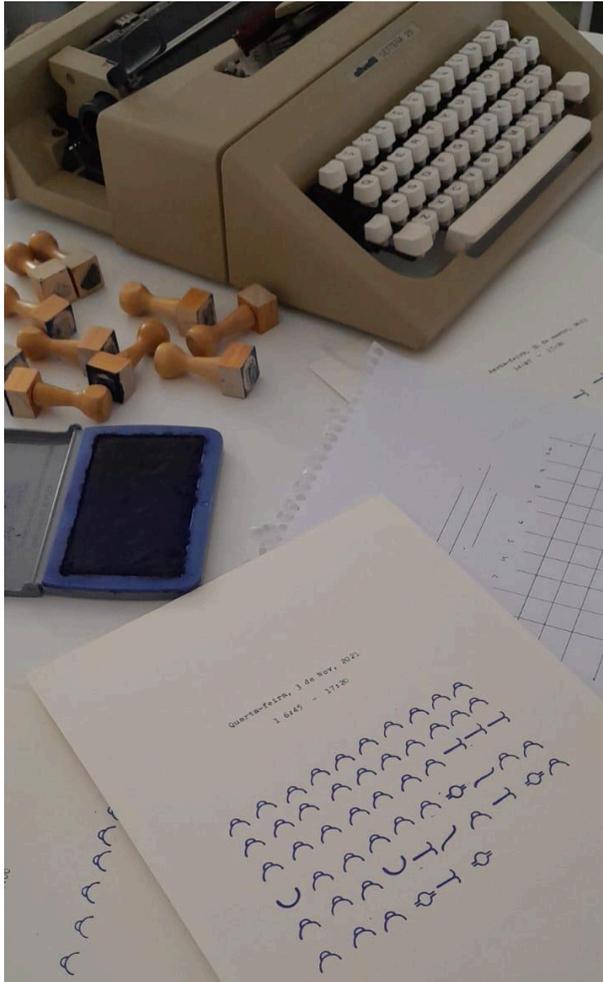
Fonte: Lucas Alves, 2024.

Imagem 6. Como grifar numa página, impressão fotográfica e sanguínea sobre papel, 21x29,7 cm, 2021.



Fonte: Lucas Alves, 2024.

Imagem 7. Processo de continuidade da produção da obra *Diário de Nuvens* a partir de página de 3 de Nov, 2021.



Fonte: Lucas Alves, 2023.

3.1. Projeto

Nebulosa Grafia foi o primeiro projeto de exposição individual que idealizei, pois ele demonstrava, para mim, a expressão de um recorte de trabalhos que articulava todas as etapas de uma pesquisa artística que vinha se estendendo pelo ano de 2021. Um ano depois, tal pesquisa se desdobrou em projeto de exposição para ser submetido ao edital de ocupação de 2022 do Sesc Paraíba. Ainda que considerasse interessante a maneira em que havia sido pensado, tendo construído todas as camadas com planejamento, o projeto acabou não sendo selecionado e foi engavetado. Na verdade, tentei, inclusive, deixá-lo ao esquecimento, pois, com a não aprovação, passei a questionar a sua qualidade, se deveria mesmo vir a público, ou se eu não estava envolvido demais para enxergar possíveis lacunas existentes.

O ano passou e um novo Edital ExpoSesc foi publicado, quando decidi revisitar o projeto de *Nebulosa Grafia*. Naquele momento, já não se tratava mais de uma primeira exposição, pois a aprovação de *Água que brota molha este solo* tinha acontecido em setembro de 2022. Entretanto, para a minha surpresa, voltei a me conectar com o projeto, o que me trouxe energia para realizar algumas atualizações e inscrevê-lo novamente.

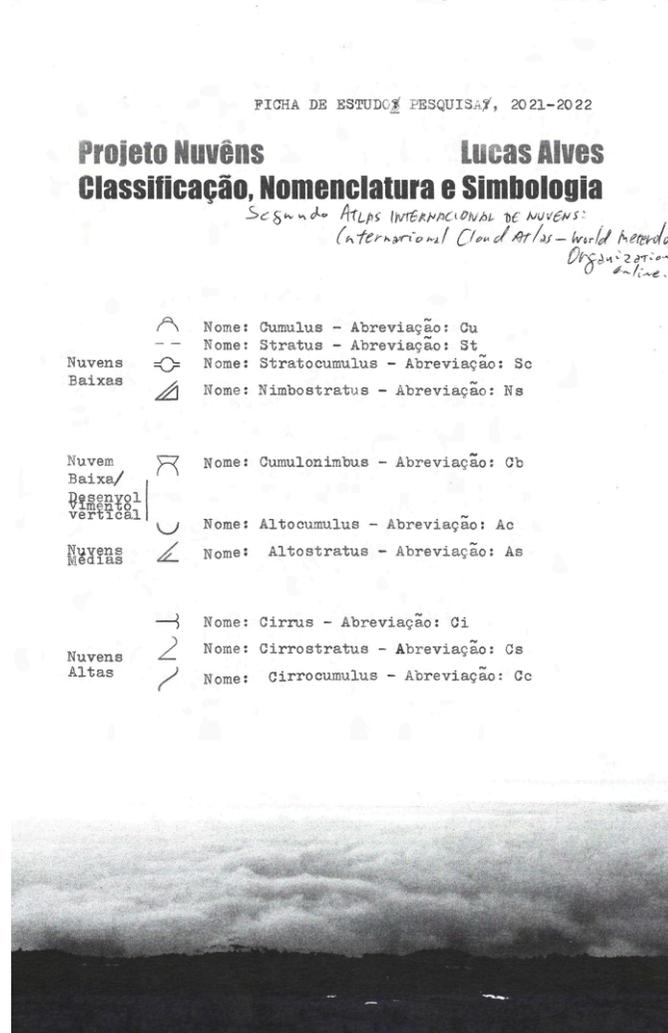
Em resumo, as mudanças no projeto original, para submetê-lo novamente ao edital, foram poucas. Boa parte do que estava planejado se manteve, a não ser pela substituição de uma instalação, inicialmente formada por gravetos, envoltos em linha de algodão branca, que pairavam no ar, no centro do espaço, suspensos e conectados ao teto. Esse projeto de trabalho, apresentado por meio de memorial descritivo, deu lugar à escultura horizontal Pa'ra A'iba em nova versão (Extensão, 2023, imagem 8), cujo comprimento foi ampliado em quatro vezes de modo a dialogar diretamente com o espaço expositivo. Com as alterações, o projeto foi aprovado e, logo, posto a inaugurar o calendário de exposições, o que implicou numa data que antecedeu a outra exposição e que possibilitou um período de visitação em que ambas individuais estiveram abertas ao público simultaneamente.

Imagem 8. Pa'ra A'iba (Extensão), fotografia e pintura digital impressa em papel e plastifica o, copos de vidro, dimensões variáveis, 2023.



Fonte: Assessoria de Comunica o do Sesc PB, 2023.

Imagem 9. Ficha de Estudo/Pesquisa 2021-2022 para o Projeto Nuvêns.



Fonte: Lucas Alves, 2024.

3.2. Pesquisa

Intitulada *Projeto Nuvêns*, tal pesquisa artística teve como ponto de partida o universo científico das nuvens, pois seu terreno de classificação, nomenclatura e simbologia forneciam as bases e pulsões para a produção poética, o que está expresso, de forma resumida, na Ficha de Estudo (Imagem 9), inserida na exposição com o objetivo de fornecer melhores entradas à gramática específica contida nas obras. Segundo a Organização Meteorológica Mundial OMM (*World Meteorological Organization WMO*), em seu Atlas Internacional de Nuvens,

As nuvens evoluem continuamente e aparecem em uma variedade infinita de formas. No entanto, existe um número limitado de formas características frequentemente observadas em todo o mundo, nas quais as nuvens podem ser agrupadas num esquema de classificação. O esquema utiliza gêneros, espécies e variedades. Isto é semelhante aos sistemas utilizados na classificação de plantas ou animais e utiliza nomes latinos. (World Meteorological Organization, 2024, s/p, online, tradução livre do autor).

Iniciei essa pesquisa, em 2021, por meio de conversas com a graduanda do curso de geografia Edithe Neta (1998, Belo

Horizonte, MG). Nessa troca se estabeleceu uma dinâmica em que ela partilhava comigo seus estudos relacionados às nuvens e eu devolvia com pensamentos e percepções, sobretudo, a partir de perspectivas do campo das artes visuais e do trabalho de artista. Um exemplo prático disso é que me fascinava o fato de que a maneira como eu fotografava o céu (enquadrando detalhes em tons de cinza) impossibilitava, à rigor geográfico, a identificação de uma nuvem. Para mim, era como se o ato de fotografar uma composição tão popularmente conhecida (nuvens no céu) adentrasse a arena da abstração pela simples impossibilidade de catalogação científica.

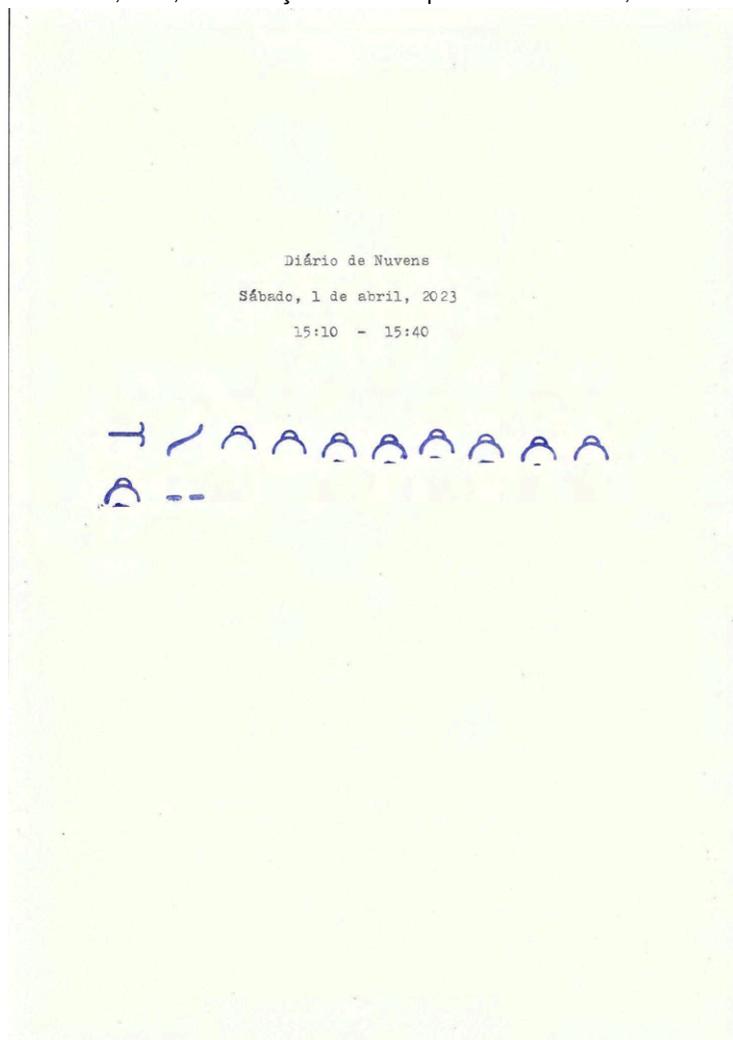
Os diálogos entre métodos científicos presentes nessas duas áreas, geografia e artes visuais, são realçados em toda a pesquisa. Entretanto, mais especificamente, a ideia da exposição partiu do trabalho Diário de Nuvens (2021-2023), série em que desenvolvo uma espécie de escrita ao me apropriar dos símbolos científicos que demarcam os gêneros de nuvens. Nesse sentido, ao me utilizar desses símbolos, presentes no Atlas Internacional de Nuvens (WMO, online), tornou-se possível a elaboração de um método de trabalho, através do qual todos os dias, em determinado horário, pudesse observar o céu e catalogar as nuvens, identificando e registrando quais eram avistadas naquela hora do dia.

A observação do céu e a documentação das nuvens passaram a ser realizadas em horários diferentes a cada dia com a intenção de, possivelmente, acessar maior diversidade de nuvens. Assim, através da consultoria de Edithe, que tinha o conhecimento necessário para identificar com rigor as nuvens, ia produzindo esboços dos símbolos e tomando notas com nome e quantidade alcançada. O diário em sua aparência final se constitui em páginas avulsas, as quais recebem texto datilografado e carimbos. O trabalho apresentou, na exposição, a catalogação dos dez dias que antecederam a abertura da mostra (imagens 10, 11, 12, e 13).

Além das obras Pa'ra A'iba (Extensão, 2023), da Ficha de Estudo/Pesquisa (2021-2023) e Diário de Nuvens (2023), a exposição foi composta pelos trabalhos³ Como grifar numa página (2022), Linha de Horizonte (Ar, 2021), Linha de Horizonte (Terra, 2021), Forjados-Instantâneos (Tríptico, 2022), e o tríptico Emblema Cirrus (2021) que passou a integrar o acervo do Sesc.

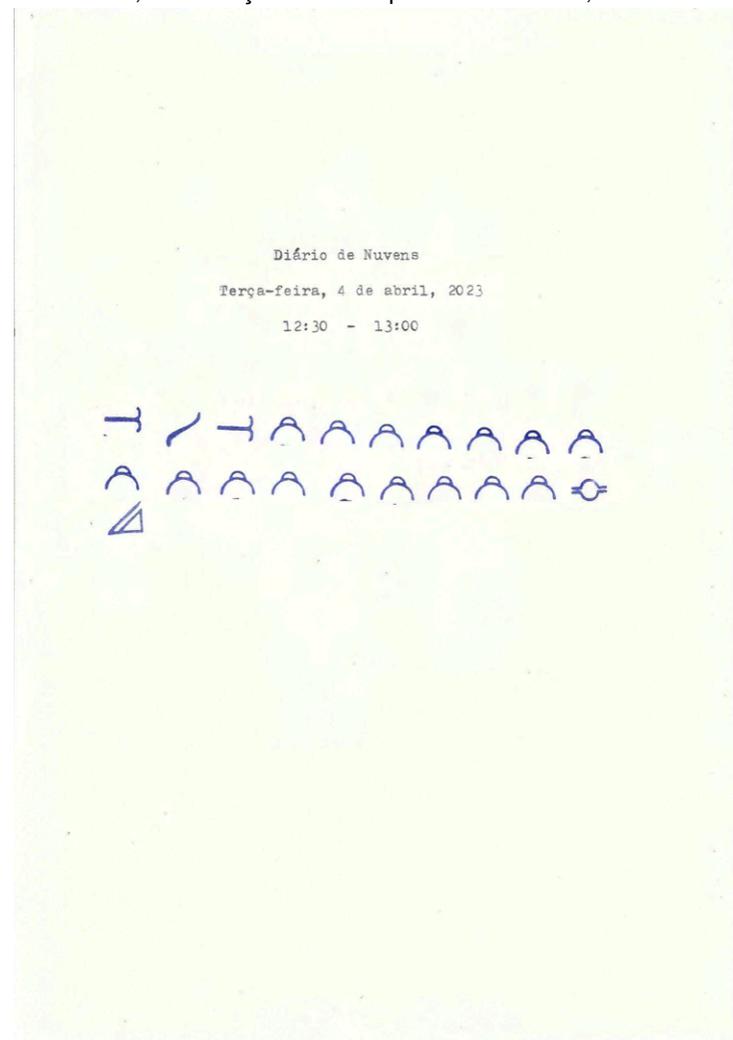
³ Os trabalhos podem ser acessados através do catálogo virtual da exposição, disponível em: <https://sescpb.com.br/3d-flip-book/nebulosa-grafia/>.

Imagem 10. Diário de Nuvens, texto datilografado e carimbos sobre papel, 21x29,7 cm, identificação científica por Edithe R. Neta, 2023.



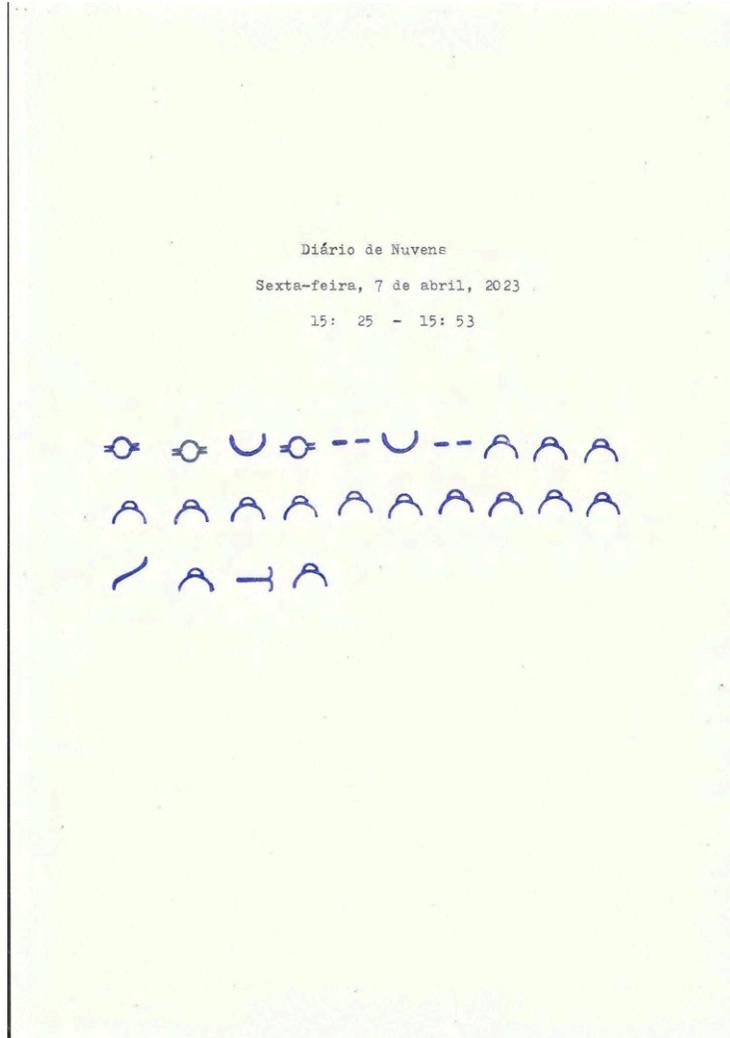
Fonte: Lucas Alves, 2023.

Imagem 11. Diário de Nuvens, texto datilografado e carimbos sobre papel, 21x29,7 cm, identificação científica por Edithe R. Neta, 2023.



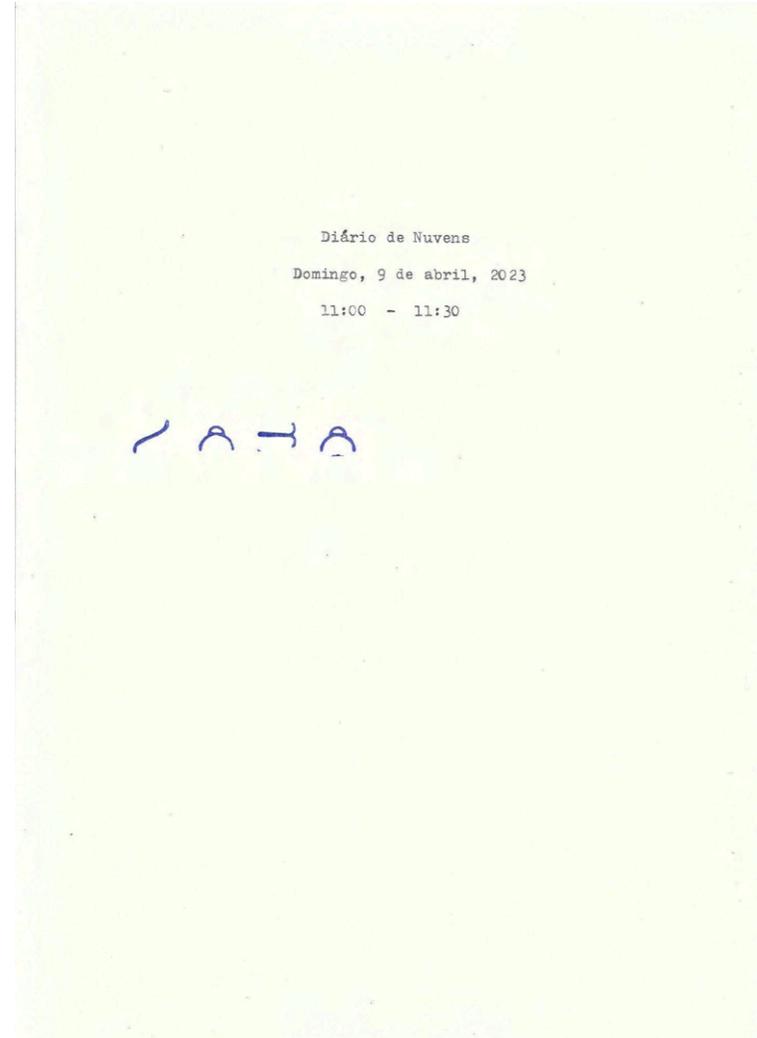
Fonte: Lucas Alves, 2023.

Imagem 12. Diário de Nuvens, texto datilografado e carimbos sobre papel, 21x29,7 cm, identificação científica por Edithe R. Neta, 2023.



Fonte: Lucas Alves, 2023.

Imagem 13. Diário de Nuvens, texto datilografado e carimbos sobre papel, 21x29,7 cm, identificação científica por Edithe R. Neta, 2023.



Fonte: Lucas Alves, 2023.

3.3. Texto Curatorial

No projeto de exposição, é comum que os limites delineados pelo orçamento impossibilitem a presença do profissional curador. O fato do artista se lançar enquanto proponente à seleção do edital, geralmente, pressupõe a atuação do mesmo, ao menos, enquanto artista-produtor e/ou artista-curador.

Assim é que a seleção das obras presentes na exposição foi completamente realizada por mim. Todavia, não avalio minha contribuição nesse sentido enquanto um trabalho de curadoria, o que me fez sentir a necessidade de proporcionar ao público um segundo olhar. Isto é, uma perspectiva diferente da minha de modo a adentrar novas camadas de reflexão. Pensando nisso, convidei a artista Li Vasc (1983, João Pessoa, PB), cuja base de trabalho se solidifica na literatura, para entrar em contato com a minha pesquisa artística e com o projeto da exposição, para que ela, então, pudesse elaborar a escrita do texto curatorial de *Nebulosa Grafia*.

Na exposição, o texto de parede desenvolvido pela artista discorre sobre a relação da escrita com a fotografia, além do universo do sonho e da ficção. Na escrita, também publicada no catálogo virtual, Li Vasc contextualizou:

Escrever sobre o inominável, o nebuloso e o distante é uma constante entre escritores e artistas visuais brasileiros, a escrita não está mais interessada em legendar a fotografia, ela emerge na contemporaneidade para criar ficções e desmentir a imagem, a fotografia permite a extrapolação e o deslocamento da literatura de si mesma. (Vasc, 2023, s/p).

No momento em que a convidei para elaborar o texto curatorial, propus apenas que a artista escrevesse de uma maneira atravessada pelo primeiro contato com os trabalhos. Isto é, o que tinha em mente, para essa exposição, era o alcance de uma escrita próxima da poesia, sem muito diálogo teórico, e que sobressaísse o fato de ser uma artista tratando da obra de outro artista.

Imagens 14 e 15. Abertura da exposição Nebulosa Grafia.



Fonte: Assessoria de Comunicação do Sesc PB, 2023.

3.4. Expografia e Montagem

A montagem da exposição aconteceu de uma forma simples, sem grandes surpresas, o que é atípico. Em geral, o que caracteriza, a meu ver, o trabalho de montagem de exposições é uma equipe unindo esforços para superar um problema, sempre novo, que insiste em surgir. É raro uma montagem sem a resolução de problemas, ainda que pequenos e breves, algo insiste em não funcionar como planejado, paredes rejeitam certos materiais, equipamentos perdem potência, isso ou aquilo não funciona no espaço.

Em Nebulosa Grafia a montagem fluiu do ponto de vista técnico. O Sesc fornece funcionários técnicos para auxiliar o artista no processo, entretanto, esses profissionais são direcionados a toda demanda de conserto estrutural do hotel. O que ocorreu, num primeiro momento, foi a nossa impossibilidade de contar com eles, pois, aparentemente, havia outras prioridades e urgências na escala do dia. Assim é que, para não atrasar, precisei liderar a execução de boa parte da montagem da exposição, felizmente contando com o apoio do amigo arte/educador Renato Sancharro (1982, Vitória, ES) que me acompanhava.

Entretanto, foi preciso deixar para a equipe do Sesc a finalização da montagem da obra *Como grifar numa página* (2021), conjunto de dez páginas emolduradas que necessitava de maior precisão no diálogo e equilíbrio entre elas, além de toda a iluminação.

Quanto à expografia, a exposição foi marcada pela extensa escultura *Pa'ra A'iba* (Extensão, 2023) no centro da galeria, onde um panorama fotográfico de nuvens era apresentado no chão e se podia caminhar em torno dele. Nas paredes, as obras foram apresentadas em altura um pouco mais elevada do que o usual, possibilitando projetar a dimensão da escrita, contida em cada trabalho, à ideia de um céu e sua posição acima da linha de horizonte.

3.5 Ações Educativas

Na intenção de promover maiores possibilidades de contato dos visitantes com a exposição, além de diversificar as maneiras de aproximá-los, foram planejadas algumas ações educativas facilitadas tanto por mim quanto por colegas de profissão. Dessa forma, durante a exposição, foram realizadas uma oficina de desenho e uma visita mediada pelo artista.

A galeria do Sesc Cabo Branco está localizada nas dependências do hotel do Sesc, mais precisamente no térreo do edifício, situado em frente à orla da praia. Tal fato, possivelmente, é capaz de estabelecer alguns indicadores do público frequentador das exposições e como acontecem as visitas. A realidade de funcionamento de uma galeria dentro de uma unidade hoteleira possui certas especificidades quanto ao seu acesso e o fato da instituição não dispor de um setor educativo influencia diretamente no alcance da exposição. Não há, portanto, o fornecimento de mediação cultural no dia a dia das mostras na galeria.

Imagens 16 e 17. Oficina de Desenho Além-mar com Mariana Lira.



Fonte: Cesar Matos, 2023.

Nesse contexto, foi preciso encontrar novas soluções de promoção de contato com o público, o que significou o planejamento de outras ações educativas. Ainda antes da abertura, tínhamos estabelecido a promoção de duas oficinas: uma de catalogação de nuvens, a oficina *observando nuvens: uma perspectiva geográfica* com Edithe Neta e outra, de desenho de paisagem, a *Oficina de Desenho Além-mar* com Mariana Lira. A primeira, por questões de agenda, acabou sendo impossibilitada e não chegou a acontecer. Porém, a segunda foi incluída, também, na programação de minha outra exposição, e aconteceu em 27 de maio de 2023, na Usina Cultural Energisa.

Na oficina, a professora-artista Mariana Lira (1999, João Pessoa, PB) propôs exercícios de desenho por meio da coleta de materiais e objetos, que foram encontrados no entorno do espaço expositivo, com o objetivo de abordar a paisagem a partir de fragmentos. O grupo de participantes pôde caminhar nas dependências da Energisa e elaborar, em desenho, a imagem do que encontraram no local. Realizada no último dia da segunda exposição, aproximou e acolheu o público na programação de encerramento.

Contudo, ainda assim foi possível desenvolver uma ação educativa na Galeria do Sesc Cabo Branco, propus uma visita mediada por

mim com o público espontâneo, divulgado em minhas redes sociais, a atividade ocorreu no dia 11 de maio de 2023.

Tais alterações nas ações planejadas para a programação da exposição se deu, sobretudo, pela agitação e sobrecarga das atribuições de todos os profissionais envolvidos naquele período.

Imagem 18. Oficina de Desenho Além-mar com Mariana Lira.



Fonte: Cesar Matos, 2023.

Imagem 19. Oficina de Desenho Além-mar com Mariana Lira.



Fonte: Cesar Matos, 2023.

3.6. Acessibilidade

Quando iniciava a pré-produção das exposições, confesso, não tinha qualquer conhecimento técnico sobre acessibilidade em espaços expositivos, o que me trazia inseguranças. No geral, práticas de acessibilidade não eram algo exigido aos artistas no desenvolvimento de projetos de exposição no circuito de arte local, portanto, as discussões e execuções técnicas eram bastante escassas na área. Isto é, se tratava de uma camada da exposição muitas vezes negligenciada. Em sentido oposto, colegas na universidade se debruçavam sobre o assunto em seus estudos e ações de extensão, dessa forma, era importante, para mim, que não ficasse de fora qualquer possibilidade de tornar as exposições que produziria mais acessíveis, ou melhor, menos inacessíveis.

Nesse sentido, através de conversas informais com a artista Ana do Vale (1994, Natal, RN), passamos a enxergar o que estava ao nosso alcance de execução. Assim é que, muito motivado por Ana, decidi que escreveria um roteiro de visita à exposição e que gravaria, em minha voz, a audiodescrição. Ana do Vale trabalha com acessibilidade cultural e desenvolve proposições poéticas de audiodescrição. Dessa forma, requisitei a inserção e presença do

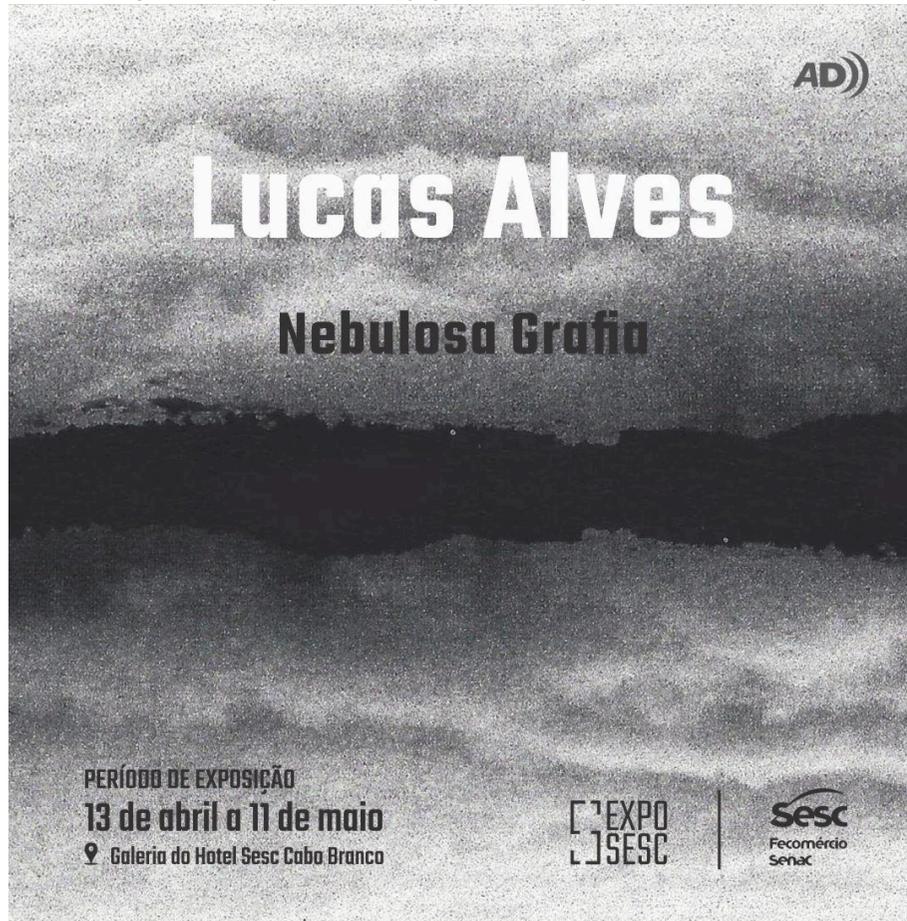
símbolo de audiodescrição nas divulgações de ambas exposições (imagens 20 e 21).

Tivemos, ainda, outras ideias que estavam ligadas à montagem e disposição das obras no espaço. No caso da escultura que estava situada no meio da galeria, nos atentamos em fornecer espaço suficiente para a circulação de visitantes, compreendendo pessoas cadeirantes e de mobilidade reduzida. Contudo, para a minha surpresa, com a pequena galeria lotada na abertura da exposição, aconteceu que muitos visitantes se distraíam ou não enxergavam a escultura ao meio e acabavam por pisá-la, quebrando a estrutura de copos de vidro da obra. De fato, tínhamos pensado sobre as formas de sinalizar a escultura, porém, consideramos que, por sua dimensão e pelo fato da galeria ter portas de vidro (o que possibilita visualizar seu interior antes de adentrá-la), não eram necessárias maiores sinalizações. O evento me despertou para reavaliar a apresentação da obra no espaço expositivo.

Também, avalio que não repetiria a disposição em altura mais elevada das obras nas paredes, pois, ainda que coerente com as ideias da exposição, muito provavelmente, influenciou na experiência das pessoas.

Na exposição seguinte, *Água que brota molha este solo*, essas avaliações já foram consideradas por mim no momento de montagem. A galeria de arte da Usina Cultural Energisa é bem maior do que o padrão do Sesc, sua arquitetura de galpão com pé-direito alto constitui um espaço expositivo bastante amplo, inclusive, com capacidade para uma quantidade maior de público. Assim sendo, foi possível elaborar uma expografia em que o centro da galeria ficou livre para circulação, contou com bancos de madeira em frente a conjuntos de obras para melhor fruição e descanso, assim como com obras dispostas em diversas alturas, compreendendo uma exposição muito mais acessível do que a anterior.

Imagem 20. Imagem de divulgação da exposição Nebulosa Grafia.



Fonte: Sesc PB, 2023.

Imagem 21. Imagem de divulgação da exposição Água que brota molha este solo.



Fonte: 2OU4, 2023.

4 Água que brota molha este solo: *instauração de territórios*

Olho para baixo, para o solo que toca os meus pés. Ele é a síntese de meus percursos, da minha movência no mundo. Sua presença terrosa, arenosa, cimentada, rochosa, úmida indica onde me situo no momento. Onde estou no agora. Pois, meus trajetos de vida instauraram lugares existentes apenas na minha memória, realidade transformada em meu fazer artístico. São manifestações de territórios. Numa queda, galhos, gravetos, folhas e troncos se juntam a pedregulhos e terra, vão sendo amalgamados. Formam um terreno sempre outro, um devir-terreiroquintal.

Imagem 22. Transeunte Horizonte (versão Arapuça), cerâmica terracota, rudias de tecido e bordado, rocha coletada, dimensões variáveis, 2023.



Fonte: Lucas Alves, 2023.

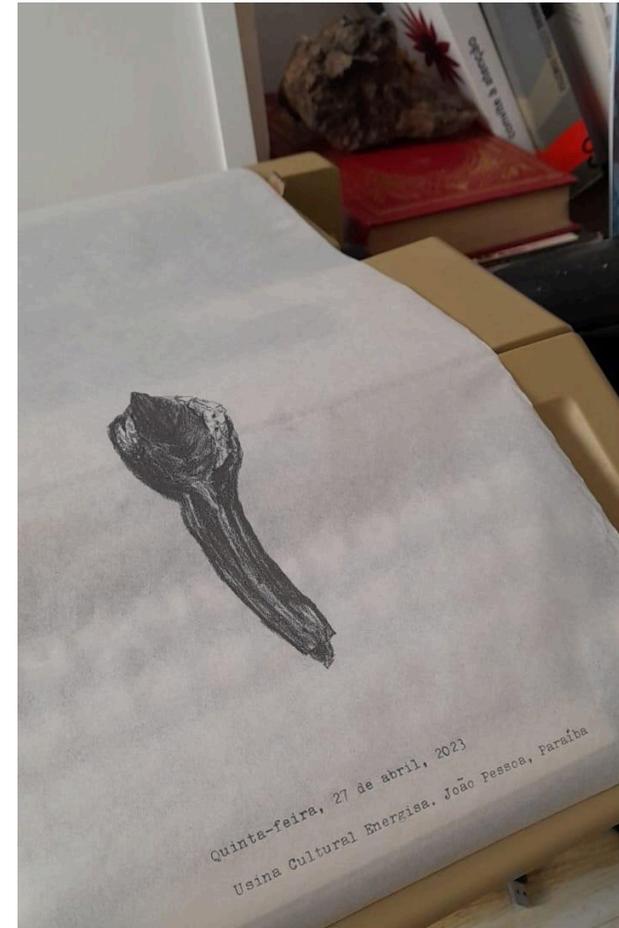
4.1. Projeto

O projeto da exposição foi construído a partir da junção de séries de trabalhos produzidas em momentos variados, inicialmente entre os anos 2021 e 2022, com o acréscimo de algumas obras recentes do ano de 2023. Cabe lembrar que no ano de elaboração do projeto, 2022, a exposição *Nebulosa Grafia* tinha sido engavetada por não ter sido selecionada, dessa maneira, novamente passei a planejar uma primeira individual, sem contar com as obras da pesquisa artística sobre as nuvens.

Água que brota molha este solo foi desenvolvida por meio de três conjuntos individuais de abordagem poética: o primeiro envolveu a instauração de lugares por meio de seus fragmentos, nas obras: *Terreiroquintal* (2021), *Terreiroquintal (Extensão)* (2022), *Temporal (quebrar uma lágrima)* (2022) e *Decantando* (2022); o segundo conjunto se direcionou para as relações com a paisagem paraibana, em: *Pequena Falésia* (2022), *Desenho de Paisagem (Falésia, Paraíba)* (2022), *sem título (falésias douradas)* (2022), *Monumento Breve* (2023), e *Transeunte Horizonte (versão Arapuca)* (2023); enquanto o terceiro enfatizou a manifestação de cultura no litoral, com o projeto *La Ursa* (2022), apresentado por

meio de fotografias, desenho, documentação de performance (em vídeo e foto) e objeto dispositivo, uma lanção branca.

Imagem 23. Detalhe da obra *Monumento Breve*, 2023.



Fonte: Lucas Alves, 2023.

Imagem 24. Exposição Água que brota molha este solo, Usina Cultural Energisa.



Fonte: Cesar Matos, 2023.

4.2. Pesquisa

O norte da união de conjuntos de obras que constrói a exposição é a perspectiva de que em minha poética é recorrente uma busca pela criação de novos lugares, por ver surgir, através dela, um novo espaço de experiência. Para mim, tal dado está enfatizado no método de trabalho seriado, pois pela repetição vou adentrando o universo próprio de cada trabalho. Faz parte da minha prática como artista o hábito da análise das camadas do processo criativo no momento em que estou imerso nele. Ou seja, no desenvolvimento de um trabalho me atento a toda e qualquer resposta ou questão surgida ao longo do processo. Assim, passo a enfatizar na obra o que aprendi enquanto procurava produzi-la e os caminhos vão se apresentando.

Compreendo que a repetição de uma questão na obra proporciona certo movimento gradual de relacionamento com ela, certa dinâmica de aproximação lenta, também, o público passa a entrar aos poucos no espaço simbólico manifestado pelo trabalho. Nesse sentido, a produção poética direcionou o meu olhar, ainda, para os lugares vivenciados em minha trajetória pessoal, me retornando para experiências em estados, cidades, bairros, ruas, casas, alcançando o campo da memória.

O começo de minha trajetória pessoal aconteceu na periferia do Recife, Pernambuco, no bairro do Ibura, onde vivi até os 22 anos. Enquanto minha trajetória profissional nas artes visuais se iniciou na capital da Paraíba. Esse trânsito de paisagem, ainda que próximo geograficamente, está na raiz da exposição *Água que brota molha este solo*.

Em outros termos, na experiência de um percurso, que geralmente determina dois lugares posicionados em suas extremidades, de onde se sai aonde se chega, se realizarmos uma imersão no próprio trajeto, é possível trazer à existência novos lugares, acessados singularmente na experiência.

Como uma mistura inevitável, a qual enraíza todo o projeto da mostra, foi importante para mim o momento em que percebi o despertar de um vínculo afetivo com a Paraíba. Esse elo entre pessoa e lugar é a manifestação de topofilia (Tuan, 1980, p. 4), através da qual pude incorporar vivências e experiências de contato com esse novo lugar na minha produção poética. Isto é, as afetações provocadas pelos estados Pernambuco e Paraíba em minha vida e arte possibilitaram a criação dos territórios presentes na exposição.

Imagem 25. Terreiroquintal, grafite sobre papel, 14,8x21 cm (cada), 50 partes, 2021.



Fonte: Lucas Alves, 2024.

Imagem 26. Terreiroquintal, grafite sobre papel, 14,8x21 cm (cada), 50 partes, 2021.



Fonte: Lucas Alves, 2024.

Imagem 27. Terreiroquintal, grafite sobre papel, 14,8x21 cm (cada), 50 partes, 2021.



Fonte: Lucas Alves, 2024.

Imagem 28. Terreiroquintal, grafite sobre papel, 14,8x21 cm (cada), 50 partes, 2021.



Fonte: Lucas Alves, 2024.

4.3. Texto Curatorial

Com a experiência da primeira exposição, a saída para a ausência de participação de um curador na elaboração do projeto foi, novamente, um convite de colaboração com o texto curatorial.

Dessa vez, convidei o curador Walter Arcela (1998, João Pessoa, PB) a acessar o meu projeto de exposição e elaborar a escrita. Assim, fizemos uma reunião por videoconferência, na qual pude apresentar os conjuntos de obras planejados para a exposição, além de discorrer um pouco sobre alguns assuntos que impulsionaram minha pesquisa e que gravitavam em torno de cada trabalho. Nessa conversa, Walter logo retornou com suas percepções, leituras e ideias para o texto.

Intitulado *Paisagens Tipográficas*, o texto abrange tanto características de minha poética quanto a análise das séries de trabalhos expostos. A escrita apresenta um diálogo entre conceitos, autores e minha trajetória pessoal de um modo, a meu ver, bastante sensível. Segundo Arcela,

Os trabalhos presentes na exposição **Água que brota molha este solo** não buscam, enquanto finalidade, desvelar tais aspectos sócio-históricos da paisagem. O que ocorre, na verdade, é a adição de outras instaurações simbólicas. A primeira delas são as aproximações entre o

Ibura (palavra tupi, cujo significado remete à fonte de água ou água que brota), bairro periférico do Recife, onde Lucas Alves cresceu, e as falésias do litoral sul da Paraíba, mote desta série de trabalhos expostos.

[...] Toda essa produção evidencia também duas prerrogativas conceituais na poética de Lucas: a primeira é a *Topofilia*, onde a relação afetiva do espaço é pautada sempre com muita generosidade pois os fenômenos naturais lhe são sempre acontecimentos serenos e espontâneos. A segunda é a *Desterritorialização*, descrita pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari como um movimento pendular no qual o novo espaço geográfico, neste caso a Paraíba, onde ele começa a se radicar, é apropriado pelo artista e mixado com o referencial anterior, o Ibura, em que cresceu. Ancorada numa característica geomorfológica paraibana, as produções que abrem a exposição são sintomas dessa *Territorialização*. (Arcela, 2023, s/p).

As exposições realizadas na Energisa não recebem um catálogo individual no formato em que estamos habituados, faz parte do padrão do edital a elaboração de um projeto gráfico em que um impresso *folder* (imagens 29 e 30) é distribuído durante o período de exposição. Nele, constam os dados da exposição, algumas imagens de obras, minibiografia do artista com foto, texto institucional e texto curatorial.

4.4. Expografia e Montagem

A montagem da exposição *Água que brota molha este solo* aconteceu de uma maneira bastante intensa. Tivemos quase uma semana de montagem, porém atravessada por uma variedade de serviços e suas demandas de tempo. Os suportes de boa parte das obras foram planejados previamente para facilitar o processo, entretanto, sinalizações do espaço, impressões gráficas, gravação de conteúdos para divulgação, coquetel de abertura e a entrega de uma obra pela molduraria reivindicava, cada uma, sua própria relação com prazos. Ou seja, foi preciso atualizar e reatualizar o plano de execução da mostra várias vezes, me mantendo numa proatividade forçada. Dessa vez, esse processo foi desgastante.

Por outro lado, o que favoreceu a execução da exposição foi a possibilidade de poder contar com o trabalho de montagem do artista Everton David (1989, Arara, PB). Everton tem se especializado em projetos expográficos e dispõe de vasta experiência técnica em montagem de exposições. Ainda assim, por limitações de orçamento, o projeto só pôde contar com o serviço do montador por uma diária, o que nos obrigou a estabelecer um trabalho intensivo a fim de montar o maior número de obras possíveis em um dia. Unindo nossos esforços, essa etapa não foi

tão difícil. Conseguimos finalizar a montagem de praticamente todas as obras (com exceção de uma que eu poderia resolver sozinho posteriormente), inclusive, os ajustes na iluminação. Nos outros dias, me mantive trabalhando no espaço desacompanhado ou, em alguns momentos, contando com apoios técnicos pontuais.

A expografia foi marcada por vários conjuntos de obras de dimensões variadas. O centro do espaço expositivo foi esvaziado, ficando livre para circulação, havia apenas uma escultura (imagem 22) sobre o piso, localizada próxima a uma parede, mas ainda sendo possível transitar em torno dela. Nas paredes, algumas séries bidimensionais foram apresentadas em composição linear, outras foram montadas como *grids*, em alturas também variadas. A lança branca do projeto *La Ursa* foi fixada com suporte que a projetava para fora da parede. Uma prateleira de vidro reunindo objetos desenhados e rochas coletadas foi posicionada a 80cm de altura. Um vídeo foi exibido na televisão.

Antes de entrar na galeria, através da porta de vidro, era possível visualizar o cartaz da exposição, adesivado numa parede de cor azul em tamanho 1x1m. No início do percurso de visita, o título da exposição foi adesivado, numa parede branca, em letras recortadas na cor cinza, em tamanho 176x10cm. Com iluminação direta por

meio de *spots* de trilho, a imagem da exposição, em relação à galeria, ficou marcada por um espaço amplo, com grande maioria das obras dispostas na parede, e três extensos bancos de madeira próximos a conjuntos de obras.

Imagens 31 e 32. Montagem da Exposição *Água que brota molha este solo* na Usina Cultural Energisa.



Fonte: Cesar Matos, 2023.

Imagens 33 e 34. Exposição Água que brota molha este solo, Usina Cultural Energisa.



Fonte: Cesar Matos, 2023.

Imagens 35 e 36. Exposição Água que brota molha este solo, Usina Cultural Energisa.



Fonte: Cesar Matos, 2023.

4.5. Ações Educativas

Durante a exposição, uma série de ações educativas foram contempladas. Além da Oficina de Desenho Além-mar facilitada por Mariana Lira, abordada no capítulo anterior, houve, ainda, a realização de uma visita mediada pelo artista e uma atividade de arte educação com escolas.

Ainda que sem um setor educativo preestabelecido, as exposições na galeria de arte da Usina Cultural Energisa contam com dois profissionais monitores que trabalham no dia a dia de cada exposição, acolhendo o público visitante e contextualizando a produção dos artistas.

Na ocasião da visita mediada, tive a oportunidade de receber uma turma de alunos da graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), organizada pelos professores Cacá Fonseca e Rui Chaves. Nessa experiência, percorremos os percursos da exposição entrando em contato com as obras e dialogando sobre elas, numa dinâmica em que eu compartilhava com eles as ideias e processos criativos em torno das obras e eles partilhavam comigo questionamentos e associações. Ao final, estabelecemos uma roda de conversa no centro do espaço

expositivo, onde trocamos, de modo mais geral, as percepções acerca da visita à exposição.

Imagem 37. Visita mediada pelo artista com turma da graduação em Artes Visuais da UFPB.



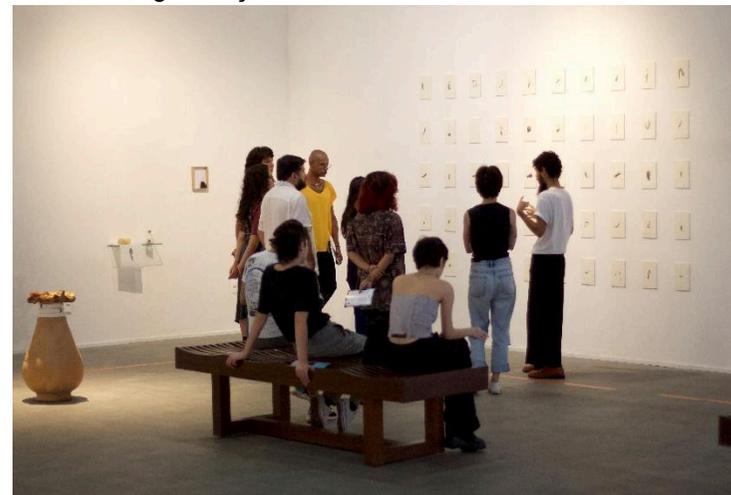
Fonte: Cesar Matos, 2023.

Imagens 38 e 39. Visita mediada pelo artista com turma da graduação em Artes Visuais da UFPB.



Fonte: Cesar Matos, 2023.

Imagens 40 e 41. Visita mediada pelo artista com turma da graduação em Artes Visuais da UFPB.



Fonte: Cesar Matos, 2023.

A atividade de arte educação com escolas foi desenvolvida pelo educador Renato Sancharro e envolveu a visita dos alunos da Casa Pequeno Davi⁴, além de uma prática artística coletiva na exposição.

Renato realizou uma mediação com o grupo de crianças e adolescentes de modo a estabelecer um primeiro contato com as obras. Ainda que acompanhando de perto, busquei não interferir nas discussões que iam sendo geradas ao longo da visita. Dessa maneira, no percurso da exposição, os alunos iam se envolvendo e se tornando cada vez mais participantes.

Tomando como ponto de partida a lança exposta, dispositivo construído por mim para o projeto La Ursa (2022), Renato propôs, também, um exercício de criação coletiva. Nesse momento, passei a participar colaborando diretamente. Com um tronco fino de árvore e fitas de cetim branco, convidou o grupo a vivenciar o processo de criação de uma lança similar à elaborada por mim. Contudo, solicitou algo inédito, pediu que cada um assinasse seu nome na fita de cetim para então amarrá-la ao tronco. Com esse simples gesto, o educador transformou o grupo, a meu ver, fez a conversão do lugar do público à posição de artista. Por fim, os alunos puderam

performar livremente com a lança dentro da exposição, experimentaram movimentos com o objeto, desfilaram, dançaram. Eles decidiram dar o título de Lança (Guiada) Lenço, pois remetia a um grupo de La Ursa que conheciam.

A lança criada pelas crianças e adolescentes da Casa Pequeno Davi foi integrada à exposição, fixamos a obra coletiva na fachada do espaço expositivo e a mantivemos exposta ao longo do período de visitação de Água que brota molha este solo.

⁴ A Casa Pequeno Davi é uma OSC (Organização da Sociedade Civil) do bairro Baixo Roger que desenvolve atividades educacionais, artísticas e esportivas com crianças e adolescentes da cidade de João Pessoa.

Imagens 42 e 43. Casa Pequeno Davi na exposição Água que brota molha este solo na Usina Cultural Energisa.



Fonte: Cesar Matos, 2023.

Imagens 44 e 45. Casa Pequeno Davi na exposição Água que brota molha este solo na Usina Cultural Energisa.



Fonte: Cesar Matos, 2023.

Imagens 46 e 47. Casa Pequeno Davi na exposição Água que brota molha este solo na Usina Cultural Energisa.



Fonte: Cesar Matos, 2023.

Imagens 48 e 49. Casa Pequeno Davi na exposição Água que brota molha este solo na Usina Cultural Energisa.



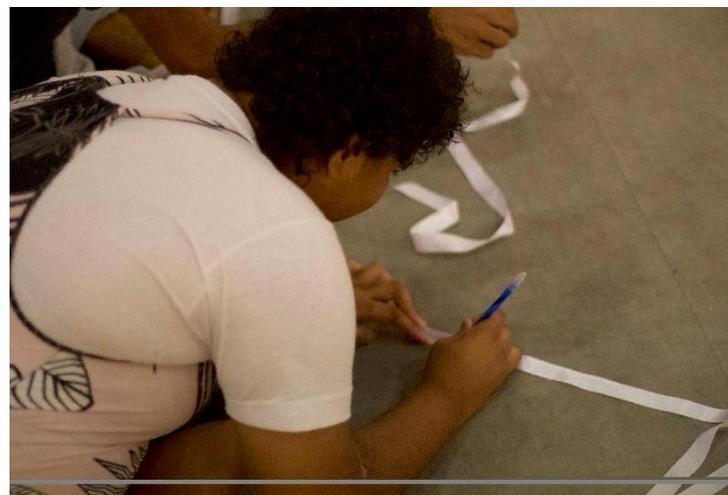
Fonte: Cesar Matos, 2023.

Imagens 50 e 51. Casa Pequeno Davi na exposição Água que brota molha este solo na Usina Cultural Energisa.



Fonte: Cesar Matos, 2023.

Imagens 52 e 53. Casa Pequeno Davi na exposição Água que brota molha este solo na Usina Cultural Energisa.



Fonte: Cesar Matos, 2023.

4.6. Performance

Dentro da programação da exposição, foi possível elaborar uma nova obra. A performance Tabatinga para o Agora foi realizada enquanto evento de *finissage*, de encerramento da mostra.

Nela, inseri 50 copos de vidro, do tipo americano ou lagoinha, dispostos de ponta-cabeça no centro da galeria. Sobre cada copo havia uma pequena folha de papel, com tamanho aproximado a 7x7cm, de 300g. Também no chão, foram colocados alguns itens de preparo: 1 pincel, 1 conta-gotas, 1 cumbuca de vidro, 1 pilão de alumínio fundido, 1 pequena garrafa de vidro com água, 1 guardanapo de tecido, 1 pote de vidro com argila preparada e 1 pedaço sólido da mesma argila coletada na praia de Tabatinga (Conde, PB).

A ação da performance aconteceu da seguinte maneira: descalço minhas sandálias antes de adentrar o espaço reservado para a performance. Caminho e sento de frente para os itens de preparo. Utilizo os itens com o objetivo de dissolver o pedaço sólido da argila, quebrando-a em pequenas partículas, adicionando água e a argila

preparada, fazendo uma mistura dentro da cumbuca, obtendo uma pasta terrosa e em pigmento.

Com a cumbuca cheia, me levanto trazendo comigo o recipiente e misturando a pasta com um pincel. Inicio uma caminhada pelo centro da galeria, com meus pés passando por entre os copos ao chão. Paro em cada um dos cinquenta copos, mirando, com o pincel, o papel disposto sobre eles, gotejando a argila de Tabatinga.

Imagem 54. Itens de preparo. Performance Tabatinga para o Agora, 2023.



Fonte: Cesar Matos, 2023.

Imagem 55. Performance Tabatinga para o Agora, 2023.



Fonte: Cesar Matos, 2023.

Imagens 56 e 57. Performance Tabatinga para o Agora, 2023.



Fonte: Cesar Matos, 2023.

Imagem 58. Performance Tabatinga para o Agora, 2023.



Fonte: Cesar Matos, 2023.

Imagens 59 e 60. Performance Tabatinga para o Agora, 2023.



Fonte: Cesar Matos, 2023.

5 ENCERRAMENTO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, elaborei o percurso de desenvolvimento de uma escrita-análise acerca do trabalho e profissionalização do artista em relação a exposições de artes visuais, que se iniciou com a construção de uma base teórica. Na instauração desse terreno, apresentei abordagens e discussões com ideias referenciais acerca da atuação de artista e sua participação em processos seletivos, onde compreendi um gesto artístico localizado no campo de estudo das histórias das exposições.

As experiências de produção dos projetos das exposições individuais *Nebulosa Grafia* (Galeria Sesc Cabo Branco) e *Água que brota molha este solo* (Usina Cultural Energisa), em 2023, me motivaram a criar uma forma para análise e documentação das camadas de trabalho, organizada em: projeto, pesquisa, texto curatorial, expografia e montagem, ações educativas e acessibilidade, as quais foram estudadas e expostas de maneira atravessada pelo relato do artista.

A criação de um corpo para a existência do trabalho do pensamento e suas afetações com o mundo norteou a dedicação

desempenhada por mim na união do gesto poético com o gesto científico acadêmico. Assim é que, os aprofundamentos realizados no estudo em relação com a escrita me possibilitaram envolver prática artística e produção acadêmica.

Nesse sentido, compreendo que a dimensão da criação, que se manifesta por meio da escrita de artista, se une à práxis de rigor científico acadêmico neste Trabalho de Conclusão de Curso. Ideia que sintetizo ao rerepresentar o trajeto de desenvolvimento do trabalho no Mapa Mental 2 (Imagem 61).

Próxima página: **Imagem 61.** Mapa mental 2 Cosmologia de Exposições, formatação gráfica por Ana Carolina Farias. Fonte: Lucas Alves, 2024.

GESTO POÉTICO

GESTO CIENTÍFICO ACADÊMICO

COSMOLOGIA DE EXPOSIÇÕES

HISTÓRIAS DAS EXPOSIÇÕES

EDITAIS

ARTISTA-ETC

ESCRITA DE ARTISTA

O TRABALHO DO PENSAMENTO

CAPÍTULO I

NEBULOSA GRAFIA

CAPÍTULO II

ÁGUA QUE BROTA
MOLHA ESTE SOLO

CAPÍTULO III

PROJETO
PESQUISA

TEXTO CURATORIAL
EXPOGRAFIA E MONTAGEM
AÇÕES EDUCATIVAS
ACESSIBILIDADE

OBRA DE ARTE

REFERÊNCIAS

- ARCELA, Walter. **Paisagens Tipográficas**. João Pessoa: Usina Cultural Energisa, 2023.
- BASBAUM, Ricardo Roclaw. **Manual do Artista-etc**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2013.
- BASBAUM, Ricardo. Arte conceitual. Live com Ricardo Basbaum. Canal Caio Souto **Conversações Filosóficas**, transmissão ao vivo em 8 jun. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4K5eXTIp5Ik&ab_channel=CaioSouto-Conversa%C3%A7%C3%B5esfilos%C3%B3ficas . Acesso em: 01 abr. 2024.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasil Educação** [online]. n.19, p.20-28, 2002.
- COTRIM, Cecília; FERREIRA, Glória (org.). **Escritos de Artistas: Anos 60/70**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- COUTINHO, Marcelo. **Isso, entre o acometimento e o relato**. Tese de doutorado, Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- CYPRIANO, Fabio; OLIVEIRA, Mirtes Marins de (orgs.). **Histórias das exposições**. Casos exemplares. São Paulo: EDUC, 2017.
- DEL CASTILLO, Sonia Salcedo. **Arte de Expor: curadoria como Expoesis**, Sonia Salcedo del Castillo. Canal At Veine. Youtube, jun. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=R8hCwJqxIvo&ab_channel=ArtVeine . Acesso em: 09 abr. 2024.
- DEL CASTILLO, Sonia Salcedo. **Arte de Expor: curadoria como expoesis**. Rio de Janeiro: Nau, 2014.
- ENERGISA-PB. Edital 001/2022 Ocupação Usina de Artes Visuais. Ministério do Turismo, Secretaria Especial de Cultura, Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet), **Energisa**, proponente Diógenes Chaves, João Pessoa, 2022.
- FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. **Território Livre**: registro de montagem [Setting up record]. 26ª Bienal de São Paulo. São Paulo: Ipsis Gráfica e Editora, set/dez, 2004.
- LAFUENTE, Pablo. A história das “histórias das exposições” por Pablo Lafuente: entrevista por Fabio Cypriano e Mirtes Marins de Oliveira. *In*: CYPRIANO, Fabio; OLIVEIRA, Mirtes Marins (orgs.) **Histórias das Exposições**. Casos Exemplares. São Paulo: EDUC, 2017. p. 13-37.
- MARCONDES, Guilherme. Sobre o cotidiano da arte contemporânea: os artistas e os editais. Arquivos do CMD. *In*: DOSSIÊ Multimodalidade da Memória: narrativa e teoria social. Universidade de Brasília, v. 4, n. 1, jan/jun, p. 172-185, 2016.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo , v.1 n.2, p. 241-251, 1993.

SESC PB. Edital de Licitação Concurso N° 0001/2023. Processo Administrativo N° 0022/2023. **Concurso para credenciar/selecionar exposições de artes visuais para ocupação dos espaços expositivos das unidades operacionais**. João Pessoa: SESC, 2023.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 1980.

VASC, Li. **Nebulosa Grafia**. Catálogo da Exposição Nebulosa Grafia. João Pessoa: SESC PB , 2022.

WORLD METEOROLOGICAL ORGANIZATION. **International Cloud Atlas** [online], 2024. Disponível em: <https://cloudatlas.wmo.int/en/principles-of-cloud-classification.html>. Acesso em: 20 abr. 2024.

XAVIER, Robson da Costa. "Inversa Perspectiva": sobre a poética arquitetônica de Wellington de Medeiros. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, DISPERSÕES, 29., 2020, [S.l]. **Anais [...]**. [S.l: s.n], 2020. p. 916-929.

ZAGO, Renata (Org.). **História(s) de Exposições**: perspectivas e trajetórias. Juiz de Fora, MG: UFJF, 2021.